

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS INSTITUCIONAIS
EM SAÚDE MENTAL

MARINA HELENA VIEIRA

A ESPIRITUALIDADE COMO POTENCIAL RECURSO DE MANEJO PARA O
VAZIO EXISTENCIAL

RIBEIRÃO PRETO/ SP

2026

MARINA HELENA VIEIRA

**A ESPIRITUALIDADE COMO POTENCIAL RECURSO DE MANEJO PARA O
VAZIO EXISTENCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
Profissional em Práticas Institucionais em Saúde
Mental da Universidade Paulista – UNIP.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Saltareli.

Área de Concentração: Saúde Mental nos Contextos
Institucionais.

Linha de Pesquisa: Saúde mental do adulto nos
diferentes contextos institucionais.

Projeto de Pesquisa: Espiritualidade/Religiosidade,
dor e saúde mental nos contextos institucionais.

RIBEIRÃO PRETO/ SP

2026

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial da UNIP
Campus Ribeirão Preto**

V658e Vieira, Marina Helena
A espiritualidade como potencial recurso de manejo para o vazio existencial/
Marina Helena Vieira. --Ribeirão Preto: Universidade Paulista, 2026.
69 f. il.:

Orientadora: Profa. Dra. Simone Saltareli
Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional
em Práticas Institucionais em Saúde Mental, Universidade Paulista

1. Espiritualidade. 2. Logoterapia. 3. Saúde mental.

CDU 615.851:2

MARINA HELENA VIEIRA

**A ESPIRITUALIDADE COMO POTENCIAL RECURSO DE MANEJO PARA O
VAZIO EXISTENCIAL**

Dissertação para obtenção do título de Mestre
apresentada ao Programa de Mestrado Profissional
em Práticas Institucionais em Saúde Mental da
Universidade Paulista – UNIP.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a).

Universidade Paulista UNIP – SP

Prof(a). Dr(a).

Universidade Paulista UNIP – SP

Prof(a). Dr(a).

Universidade Paulista UNIP – SP

Dedico este trabalho ao meu pai, César, e à minha mãe, Marilsa, que sempre incentivaram minha busca pelo conhecimento e permaneceram ao meu lado, mesmo quando meus caminhos me conduziam, antes da academia, ao aprendizado da vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, “aquele que tudo em mim realizou”, fonte última de sentido, a quem devo não apenas a conclusão deste trabalho, mas cada passo dado ao longo deste caminho e ao meu futuro.

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio incondicional, pela presença e pelo amor que me sustentou nos momentos mais desafiadores. Vocês foram base e refúgio em toda esta jornada.

Aos meus amigos sinceros que estiveram ao meu lado, incentivando e celebrando cada conquista. Em especial, agradeço aos padres Leandro e Custódio por participarem deste caminho quando ele era apenas uma ideia. A presença de vocês me deu leveza e coragem nos dias mais difíceis.

À minha orientadora, Simone, que acompanhou com sensibilidade o desenvolvimento de um rascunho inicialmente confuso e incompleto, e que soube, com paciência e sabedoria, conduzi-lo à sua versão final. Mais do que isso, soube, com seu exemplo e dedicação, despertar em mim o amor pela pesquisa, deixando uma marca que vai além dos limites deste trabalho.

Este mestrado aconteceu em um momento muito delicado de transição em minha vida, e a busca por conhecimento foi se desenvolvendo na mesma medida na minha vida acadêmica e pessoal. Gosto de pensar que esta pesquisa nasceu, antes, dentro de mim, como uma busca por respostas, por conhecimento e pela verdade, e depois transbordou, resultando neste trabalho.

Concluir este trabalho é, portanto, mais do que alcançar um título: é dar um passo cheio de significado, de superação e amadurecimento. Desejo que, nas entrelinhas desta pesquisa, o leitor encontre o desejo de que ela seja um pequeno instrumento de resposta àqueles que, em algum momento de suas vidas, atravessaram sofrimentos inimagináveis e, ainda assim, escolheram buscar sentido, brilho e cor para suas existências.

RESUMO

A Espiritualidade/Religiosidade tem se destacado como um relevante recurso de manejo diante de situações de sofrimento humano, entre as quais se insere o vazio existencial descrito por Viktor Frankl. Caracterizado pela perda de sentido, desorientação e sofrimento psíquico, esse fenômeno configura-se como uma das expressões mais significativas do sofrimento contemporâneo, impactando diretamente a qualidade de vida e o bem-estar do indivíduo, sendo, portanto, reconhecido também como um fator relacionado à saúde. A crescente valorização da dimensão espiritual na saúde mental reforça a relevância de estudos que promovam o diálogo entre psicologia e teologia. Nesse sentido, a tradição cristã, especialmente na reflexão de Agostinho, apresenta a Espiritualidade - compreendida como interioridade e abertura à Transcendência - como caminho privilegiado para a elaboração do sofrimento e para o encontro com o sentido último da existência. O objetivo deste trabalho é promover um diálogo integrativo entre a ciência psicológica de Frankl, no que se refere à reflexão sobre o vazio existencial e seus efeitos, e a ciência teológica de Agostinho, que compreende a Espiritualidade como resposta ao vazio ontológico do ser humano. Busca-se, assim, relacionar conceitos correspondentes nesses autores a partir da percepção de sacerdotes católicos, preparados, entre outras funções, para lidar com o sofrimento humano, bem como analisar a aplicação da Espiritualidade/Religiosidade como recurso para a elaboração e o enfrentamento do sofrimento existencial. Os resultados foram organizados em cinco categorias: (1) experiência pessoal de vazio existencial; (2) autoconhecimento e interioridade (com as subcategorias aspectos formativos, exame de consciência e escrita); (3) experiência de sofrimento; (4) fé e espiritualidade (com a subcategoria noção de eternidade/pós-morte); e (5) experiência religiosa. Tais resultados evidenciaram que a espiritualidade constitui um recurso relevante na elaboração do sofrimento, especialmente por meio de práticas como oração, exame de consciência e escrita espiritual. A interioridade foi compreendida como espaço de autoconhecimento, integração do sofrimento, enquanto a abertura à Transcendência foi identificada como uma necessidade humana fundamental. Observou-se, ainda, convergência entre a perspectiva frankliana, centrada na liberdade e responsabilidade existencial, e a agostiniana, da interioridade como lugar de encontro com a verdade e com Deus. Esses achados indicam que a Espiritualidade pode contribuir significativamente para a promoção da saúde integral, bem como para o desenvolvimento de intervenções clínicas e pastorais voltadas ao sofrimento existencial contemporâneo. Como desdobramento, esta pesquisa propõe a elaboração de uma cartilha orientativa para o manejo do vazio existencial por meio da Espiritualidade/Religiosidade, concebida como instrumento interdisciplinar de apoio tanto para psicólogos quanto para sacerdotes e líderes religiosos que atuam no cuidado do sofrimento humano.

Palavras-chave: Espiritualidade. Logoterapia. Saúde Mental.

ABSTRACT

Spirituality/Religiosity has stood out as a relevant coping resource in the face of situations of human suffering, among which is the existential void described by Viktor Frankl. Characterized by a loss of meaning, disorientation, and psychological distress, this phenomenon is one of the most significant expressions of contemporary suffering, directly impacting the individual's quality of life and well-being, and is therefore also recognized as a factor related to health. The growing recognition of the spiritual dimension in mental health reinforces the relevance of studies that promote dialogue between psychology and theology. In this sense, the Christian tradition, especially in the reflection of Augustine, presents spirituality—understood as interiority and openness to Transcendence—as a privileged path for processing suffering and encountering the ultimate meaning of existence. The aim of this study is to promote an integrative dialogue between Frankl's psychological science, particularly regarding the reflection on the existential vacuum and its effects, and Augustine's theological thought, which understands spirituality as a response to the ontological emptiness of the human being. Thus, this work seeks to relate corresponding concepts in these authors based on the perspectives of Catholic priests, who are trained, among other roles, to deal with human suffering, as well as to analyze the application of Spirituality/Religiosity as a resource for processing and coping with existential suffering. The results were organized into five categories: (1) personal experience of the existential void; (2) self-knowledge and interiority (with the subcategories formative aspects, examination of conscience, and writing); (3) experience of suffering; (4) faith and spirituality (with the subcategory notion of eternity/afterlife); and (5) religious experience. These results showed that Spirituality constitutes a relevant resource in processing suffering, especially through practices such as prayer, examination of conscience, and spiritual writing. Interiority was understood as a space for self-knowledge and integration of suffering, while openness to Transcendence was identified as a fundamental human need. Furthermore, a convergence was observed between the Franklian perspective, centered on freedom and existential responsibility, and the Augustinian view of interiority as the place of encounter with truth and with God. These findings indicate that Spirituality can significantly contribute to the promotion of integral health, as well as to the development of clinical and pastoral interventions aimed at contemporary existential suffering. As a further development, this research proposes the creation of a guiding booklet for managing the existential vacuum through Spirituality/Religiosity, conceived as an interdisciplinary support tool for both psychologists and priests, as well as religious leaders engaged in caring for human suffering.

Keywords: *Spirituality. Logotherapy. Mental Health.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Espiritualidade/Religiosidade.....	19
1.2 Vazio Existencial na contemporaneidade	23
1.3 Saúde e Dor total.....	26
1.4 Reflexão espiritual de Agostinho	27
1.5 Interioridade e Autotranscendência.....	30
 2 PROBLEMA E JUSTIFICATIVA	 32
 3 OBJETIVOS	 33
3.1 Objetivos Específicos.....	33
 4 MÉTODOS.....	 34
4.1 Tipo de pesquisa.....	34
4.2 Local da pesquisa	34
4.3 Sujeitos da pesquisa	34
4.4 Critérios para inclusão e exclusão dos sujeitos	34
4.5 Descrição da coleta de dados	34
4.6 Variáveis de estudo	35
4.7 Instrumento de coleta de dados	35
4.8 Análise dos dados	35
4.9 Análise de riscos e benefícios para a população estudada	36
4.10 Critérios para suspender ou encerrar a pesquisa	37
4.11 Obrigatoriedade de tornar público os resultados	37
4.12 Ética em pesquisa com seres humanos	37
 5 RESULTADOS.....	 38
5.1 Experiência pessoal de vazio existencial.....	38
5.2 Autoconhecimento e interioridade	40
5.2.1 Aspectos formativos.....	41

5.2.2 Exame de consciência e escrita.....	41
5.3 Experiência de sofrimento	42
5.4 Fé e espiritualidade.....	43
5.4.1 Noção de eternidade/ pós morte.....	43
5.5 Experiência religiosa	44
6 DISCUSSÃO	46
6.1 O Vazio Existencial	46
6.2 Experiência de sofrimento	47
6.3 Autoconhecimento e interioridade (aspectos formativos, exame de consciência e escrita.....	50
6.4 Fé e espiritualidade (noções de eternidade/pós morte)	52
6.5 Experiência religiosa	54
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
8 REFERÊNCIAS	61
9 APÊNDICE 1	66
10 APÊNDICE 2	69

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Tabela de participantes.	38
---	----

PREÂMBULO

As experiências de sofrimento humano, em suas diversas faces, e a busca por sentido e respostas sempre me impulsionaram na procura por conhecimentos que pudessem ser integrados às vivências concretas da experiência humana. Nesse contexto, encontrei nas práticas espirituais e religiosas importantes direcionamentos e um recurso consistente para a vivência do sofrimento inevitável, ora marcado por doenças e pobreza, ora por conflitos internos e vazio existencial. Ao observar seus efeitos positivos em mim e nas pessoas com quem convivi, percebi a necessidade de me aprofundar nesse conhecimento.

Essa busca influenciou diretamente minhas escolhas pessoais e profissionais. Foi nesse momento que me tornei participante de uma frente de trabalho missionário voltada ao acolhimento e à assistência de pessoas em situação de rua e dependência química. Durante 17 anos, dediquei-me a essa missão, movida pelo desejo de aliviar o sofrimento humano.

O encontro direto com essa e outras expressões do sofrimento constituiu minha principal escola e, com o tempo, percebi que, embora indispensáveis, os recursos materiais alcançavam apenas parcialmente as necessidades humanas. Em contrapartida, elementos como a presença, o afeto, o vínculo e, sobretudo, a espiritualidade - entendida como ato de crer em Deus - demonstravam efeitos significativamente mais transformadores na vida das pessoas atendidas.

Posteriormente, passei a atuar na formação de jovens missionários, acompanhando seus processos de desenvolvimento humano e espiritual e contribuindo para que também se preparassem para o cuidado de pessoas em situação de vulnerabilidade. Ao longo dessa trajetória, tive a oportunidade de conhecer e trabalhar em diversas realidades de pobreza material e existencial, em favelas e periferias de diferentes regiões do Brasil - incluindo o Nordeste, o Norte, comunidades ribeirinhas da Amazônia e grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro.

Apesar das diferenças culturais entre esses contextos, tornou-se evidente para mim a existência de uma busca antropológica comum: a busca por sentido da vida e, de modo particular, por um Deus em quem se apoiar. Foi nesse contexto que realizei minha graduação em Teologia, complementada por cursos de extensão nas áreas de formação humana, saúde mental em contexto religioso, espiritualidade, prevenção de abusos e de suicídio, entre outros. Posteriormente, especializei-me em Logoterapia e Análise Existencial, motivada pela necessidade de compreender mais profundamente a realidade humana com a qual me deparava.

As experiências espirituais e religiosas que vivenciei e acompanhei ao longo desse período foram fundamentais para evidenciar a importância que esse tema exerce - positiva ou negativamente - na vida prática das pessoas. Presenciei contextos em que o fator religioso foi decisivo na superação do luto, da depressão, da ideação suicida e na recuperação da dependência química, entre outros, representando um recurso de esperança, ampliação de horizontes para a pessoa em sofrimento e motivação para buscar sua melhora pessoal.

No entanto, também observei situações em que esse mesmo fator espiritual-religioso foi utilizado como vetor de abusos, manipulação, infantilização e vitimização de indivíduos e grupos. Essa realidade despertou em mim um senso de urgência e de responsabilidade para estudar, compreender e tratar esse tema, a fim de favorecer formas mais saudáveis e maduras de vivência da experiência religiosa, potencializando seus inúmeros benefícios.

Toda essa trajetória conduziu-me à realização desta pesquisa de mestrado que expressa não apenas um percurso acadêmico como também o desejo contínuo de compreender e de contribuir, de forma mais qualificada, para o enfrentamento do sofrimento humano na vida daqueles que, de alguma forma, cruzarem o meu caminho, e para o diálogo tão fecundo entre ciência, saúde e espiritualidade.

No acompanhamento e escuta pastoral desenvolvidos, experiências relacionadas ao Vazio Existencial apareciam como um dos temas mais recorrentes, independente do contexto socioeconômico ao qual a pessoa pertencia. Por isso, decidi investigar os efeitos desse fenômeno e recursos para aliviá-lo, em especial, a prática da espiritualidade.

Em minhas buscas, encontrei Agostinho de Hipona e sua autobiografia em *Confissões* (2017). Fiquei profundamente tocada pela leitura por diversos motivos: a sinceridade com a qual descreveu suas experiências; sua busca comprometida com a verdade - que o levou por vários e diferentes caminhos -; a resistência e, depois, a adesão ao elemento religioso; a descoberta da interioridade; e o encontro com o sentido maior de sua existência, momento em que, segundo ele, toda a sua vida passa a fazer sentido, integrando suas experiências boas e ruins.

Assim, vi a possibilidade de construir um diálogo entre Victor Frankl, fundador da Logoterapia, que elabora o problema do Vazio Existencial à luz da psicologia moderna na atualidade, e Agostinho que, séculos antes, registrou sua experiência espiritual como caminho de resposta para a busca fundamental do homem.

Portanto, esta pesquisa foi construída a partir de duas perspectivas epistemológicas distintas que podem se complementar na questão do alívio do sofrimento humano. Apesar das delimitações metodológicas entre as ciências teológica e psicológica, esforcei-me por traçar

uma convergência entre a experiência de vazio existencial descrita por Viktor Frankl e as respostas de sentido oferecidas pela espiritualidade, especialmente presente em *Confissões* (AGOSTINHO, 2017).

Esta pesquisa está organizada em partes descritas a seguir.

Na INTRODUÇÃO, apresento e aprofundo os principais conceitos utilizados, como Espiritualidade e Religiosidade, conceito ampliado de saúde e dor total, reflexão espiritual de Agostinho e outros. A finalidade é situar o leitor na linha de raciocínio que será desenvolvida nesta pesquisa.

O PROBLEMA e JUSTIFICATIVA giram em torno da seguinte pergunta: a Espiritualidade pode ser usada como um recurso de manejo para o Vazio Existencial? De que modo a Espiritualidade - conforme compreendida à luz do pensamento de Santo Agostinho e da Logoterapia de Viktor Frankl - pode ser uma resposta para esta questão?

Em seguida, apresento o OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS propostos e o percurso metodológico adotado.

Nos RESULTADOS, foram apresentadas as categorias encontradas nas entrevistas feitas com 10 sacerdotes católicos em diferentes tempos de exercício do ministério e área de atuação. As categorias foram elegidas a partir dos elementos principais que apareceram nas respostas e organizadas de forma didática para a finalidade desta pesquisa.

A partir delas, desenvolvi a DISCUSSÃO, relacionando as respostas com a literatura atual e, por fim, a CONCLUSÃO construída a partir de todo esse percurso.

1 INTRODUÇÃO

Noções relacionadas a experiências religiosas/espirituais têm se tornado, na atualidade, um objeto de estudo importante para pesquisas na área de saúde. Reconhece-se, cada vez com mais interesse, a eficácia terapêutica dos recursos espirituais e da religiosidade, talvez pelo fato de a visão a respeito do homem e sua complexidade também ter se ampliado: o homem é ser bio-psico-sócio-espiritual (KOENING, 2012).

Entretanto, nota-se uma lacuna importante nesse campo: a aplicabilidade desses recursos na prática. E foi justamente para investigar este problema que a presente pesquisa buscou elementos que pudessem servir de orientação para abordá-lo.

Considerando a amplitude dos conceitos de saúde e de espiritualidade, buscou-se delimitar a investigação. Neste sentido, a pesquisa orientou-se para o fenômeno do chamado VE que é considerado, por alguns, a maior expressão de sofrimento humano da atualidade. Desenhado por Viktor Frankl (1905-1997), fundador da Logoterapia, o Vazio Existencial é considerado uma percepção de falta de sentido para a vida. Dessa maneira, pode ser compreendido dentro da noção de Dor Total, conceito desenvolvido por Saunders (1991), influenciando diretamente o bem estar e qualidade de vida do indivíduo. Portanto, quando refletido em profundidade, é possível perceber a importância deste tema, relacionando-o ao conceito ampliado de saúde (GONÇALVES, 2024).

De acordo com a proposta de Viktor Frankl (2011), a Espiritualidade - compreendida independentemente de sua vinculação a tradições religiosas específicas - apresenta-se como um recurso fundamental no enfrentamento do VE. Todavia, trata-se de um conceito amplo e em constante expansão no campo acadêmico, o que também torna necessária sua delimitação teórica para fins de investigação. Nesse sentido, optou-se por fundamentar a análise no pensamento de Agostinho de Hipona (354-430), filósofo e Doutor da Igreja na tradição católica, cuja reflexão oferece uma compreensão consistente da espiritualidade como abertura ao transcendente.

Agostinho descreve, em sua autobiografia chamada *Confissões* (397-401), um relato detalhado, sensível e profundo de suas buscas internas, as quais chama de “inquietude do coração” (AGOSTINHO, 2017, p. **completar**). A construção de sua reflexão é feita a partir do reconhecimento da incompletude humana, elaborando e nomeando movimentos interiores, conduta que ele chama de confissão, até chegar ao encontro com a Verdade que habita no interior do homem, ou seja, a experiência espiritual de encontro com o Transcendente.

Essa compreensão dialoga com a noção de *homo religiosus* (AQUINO, 2021) segundo a qual o ser humano é estruturalmente orientado para o Outro, apresentando uma inclinação originária ao sagrado, evidenciada desde as primeiras formas de organização social. Tal perspectiva é aprofundada por Agostinho, que, a partir de sua própria experiência, descreve a inquietude constitutiva do coração humano como expressão de sua incompletude ontológica. Para o autor, o homem permanece inquieto enquanto não encontra repouso em Deus, no Transcendente, sendo este repouso compreendido como a realização última de sua busca por sentido.

Embora o pensamento de Agostinho seja relevante para a Tradição Católica, a pesquisa procurou extrair de suas reflexões elementos antropológicos e colocá-los em diálogo com a ideia de Frankl no que diz respeito ao Vazio Existencial e Espiritualidade.

Ainda que distintos em sua natureza - ontológica, em Agostinho, e circunstancial, em Frankl -, a incompletude humana e o Vazio Existencial apresentam pontos de contato em suas manifestações concretas, como a apatia, o tédio e a desorientação existencial, frequentemente associadas, no contexto contemporâneo, tanto a quadros como depressão e ansiedade, como também em situações que envolvem comportamentos autolesivos, inclusive o suicídio. Nesse sentido, enquanto o vazio existencial pode ser prevenido ou enfrentado por meio da redescoberta do sentido, a incompletude ontológica, segundo Agostinho, aponta para uma necessidade mais profunda, que só se resolve na abertura ao transcendente.

Assim, a Espiritualidade - compreendida como abertura ao transcendente - surge como recurso fundamental tanto para o enfrentamento do Vazio Existencial quanto para a resposta à condição de incompletude humana. Viktor Frankl reconhece, em termos fenomenológicos, a existência de uma dimensão espiritual e sugere que a relação com o divino é intrínseca do ser humano, mesmo sendo ele não religioso. Agostinho defende que essa abertura se realiza por meio da interioridade, entendida como um movimento espiritual de busca pela verdade que habita no interior do homem. Para ele, todo homem tem um desejo natural de transcendência que se manifesta no desejo pela verdade e pela felicidade (GRACIOSO, 2010).

Dessa forma, a abertura à transcendência revela-se não apenas como um elemento constitutivo da experiência humana, mas como um recurso terapêutico relevante. Nesse horizonte, o enfrentamento do Vazio Existencial encontra uma via privilegiada na realização de valores - criativos, vivenciais e atitudinais (FRANKL, 1997) - orientados por uma dimensão de sentido que ultrapassa o próprio sujeito. Ao mesmo tempo, a reflexão agostiniana aponta para um nível mais profundo no qual a plena realização humana só se efetiva no encontro com o transcendente, acessado no âmbito da interioridade.

A definição do objeto desta pesquisa fundamentou-se em três elementos principais. Em primeiro lugar, os sacerdotes atuam diretamente no acompanhamento do sofrimento humano, especialmente por meio de aconselhamentos, confissões e formações, lidando com experiências relacionadas à perda de sentido e ao vazio existencial. Em segundo lugar, sua visão antropológica e prática pastoral podem ser influenciadas pelo pensamento agostiniano, tendo em vista que Agostinho constitui uma referência central na tradição doutrinal da Igreja Católica. Por fim, considerou-se a relevância sociocultural do catolicismo, no contexto brasileiro, que ainda se apresenta como o segmento religioso mais expressivo em termos numéricos, conforme indicado pelos dados do censo religioso (IBGE, 2022).

Portanto, buscou-se investigar a aplicabilidade da Espiritualidade, segundo a noção de Agostinho, em situações de sofrimento humano decorrentes da experiência de Vazio Existencial, conforme delineado por Viktor Frankl, tomando-a como um recurso de enfrentamento fundado na abertura ao transcendente. Nessa perspectiva, a Espiritualidade não apenas contribui para a elaboração do Vazio Existencial - entendido como frustração da vontade de sentido - mas também se apresenta como via de resposta à condição de incompletude do coração humano, orientando o sujeito para uma integração existencial que culmina na realização do sentido e, em última instância, na relação com o Absoluto.

Agostinho de Hipona foi um dos pensadores mais influentes do cristianismo e da filosofia ocidental. Nascido em Tagaste, no norte da África, viveu uma juventude marcada pela busca intelectual e por inquietações existenciais, passando por diferentes correntes de pensamento, como o maniqueísmo e o ceticismo, antes de sua conversão ao cristianismo. Sua experiência, profundamente narrada em *Confissões*, constitui um marco não apenas pessoal como também teológico ao evidenciar o estado de incompletude do coração do homem, seu itinerário interior de busca pela verdade e por Deus em quem, enfim, descansa. Esse caminho é ilustrado em uma de suas mais conhecidas expressões: “eis que eu procurava fora o que estava dentro de mim” (AGOSTINHO, 2017, p. Conf. 10, 27). Posteriormente, foi ordenado sacerdote e tornou-se bispo de Hipona, dedicando-se à pregação, à escrita e ao enfrentamento de controvérsias doutrinárias de seu tempo. Sua obra é vasta e articula temas como interioridade, graça, liberdade e verdade, exercendo influência decisiva na formação da teologia cristã e na compreensão da experiência humana como abertura ao transcendente.

Para a Igreja Católica, Agostinho ocupa a posição de santo e doutor - títulos de grande relevância no que diz respeito à espiritualidade e à doutrina. Seu pensamento é considerado uma referência para reflexão a respeito do ser humano em várias áreas do saber além da

Teologia, como por exemplo, no campo da compreensão moral, relacionada à política (VAHL, 2023), educação, filosofia, psicologia e outros.

Viktor Frankl nasceu em Viena, na Áustria, em 1905, e desde a juventude se interessou pelas questões existenciais relacionadas ao sofrimento humano, à liberdade e ao significado da existência. Sua trajetória foi profundamente marcada pelos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em 1942 foi deportado com sua família para os campos de concentração nazistas. As condições extremas vivenciadas nesses ambientes constituíram uma experiência decisiva para a consolidação de suas reflexões sobre o sentido da vida. Frankl observou que, mesmo diante de sofrimento intenso, alguns indivíduos conseguiam preservar uma atitude interior orientada por um propósito ou por uma esperança futura (PEREIRA, 2007).

Após o fim da guerra, Frankl retornou a Viena e retomou sua atividade clínica e acadêmica. Tornou-se professor de neurologia e psiquiatria na Universidade de Viena e ministrou cursos e conferências em diversas universidades ao redor do mundo. Sua obra mais conhecida, *Em busca de sentido* (ano), tornou-se um dos livros mais influentes da psicologia existencial e apresenta, além do relato de suas experiências nos campos de concentração, os fundamentos de sua abordagem terapêutica.

A chamada Logoterapia e Análise Existencial é a terceira escola de psicoterapia vienense, sendo contemporânea à Psicanálise de Freud e à Psicologia individual de Adler. Fundada por Viktor Frankl, tem sua proposta teórica e clínica fundamentada na compreensão de que o ser humano é um ser orientado fundamentalmente pela busca de sentido na vida, e não movido apenas pela vontade de prazer ou de poder. Frankl argumenta que o ser humano possui uma dimensão espiritual que contém a “vontade de sentido” (ano, página) a qual o direciona na busca por algo além de si, em um movimento de autotranscendência. Em caso de tentativa de negação desse movimento natural, o indivíduo experimentará um estado de sofrimento que chama de “vazio existencial” e que pode evoluir para estados patológicos da psique.

De acordo com a Logoterapia (FRANKL, 1997), o sentido pode ser realizado por meio de três categorias de valores: valores criativos, valores vivenciais e valores atitudinais. Os valores criativos estão relacionados àquilo que o indivíduo oferece ao mundo por meio de suas ações, como o trabalho, a produção intelectual ou as contribuições realizadas à sociedade. Já os valores vivenciais dizem respeito àquilo que a pessoa recebe do mundo, incluindo experiências como o amor, a contemplação da beleza, a relação com a natureza e os encontros significativos com outras pessoas. Por fim, os valores atitudinais referem-se à postura que o indivíduo adota diante de situações inevitáveis de sofrimento, quando não é possível modificar as circunstâncias externas, mas ainda é possível escolher a atitude com que se enfrenta a realidade.

Sendo assim, a Logoterapia compreende o ser humano como um ser livre e responsável, capaz de posicionar-se diante das condições de sua existência e de descobrir possibilidades de significado mesmo em contextos de sofrimento. Desta forma, o sofrimento não é necessariamente eliminado, mas pode ser ressignificado quando inserido em um horizonte de sentido. Assim, a proposta da Logoterapia consiste em auxiliar o indivíduo a reconhecer e atualizar os significados presentes em sua própria vida, favorecendo uma atitude existencial mais consciente e responsável diante da realidade.

Agostinho e Frankl desenvolveram visões que, embora originadas em contextos históricos e filosóficos distintos, se tornaram respostas, em primeiro lugar, às suas próprias buscas pessoais. Os autores foram escolhidos para fundamentação teórica desta pesquisa, pois sua teoria nasce de suas experiências vividas, marcadas por inquietações profundas diante da condição humana. E é precisamente esse caráter existencial de suas obras que as torna especialmente fecundas, uma vez que suas elaborações continuam a oferecer, ainda hoje, caminhos de compreensão e resposta à busca de sentido que atravessa o homem contemporâneo. Sendo assim, tornou-se possível estabelecer um diálogo entre a Teologia - ciência que elabora, entre outras questões, o pensamento acerca da Espiritualidade - e a Psicologia, a fim de ampliar possibilidades de recursos e abordagens tanto na prática clínica e pastoral, quanto na pesquisa.

1.1 Espiritualidade/Religiosidade

Espiritualidade e Religiosidade são constructos distintos, embora possam convergir em determinadas experiências humanas (PANZINI, 2007). Entretanto, ainda que conceitualmente distintos, estão interligados em sua aplicabilidade e frequentemente se sobrepõem na experiência vivida dos indivíduos, sendo, portanto, utilizados de forma correspondente ao longo deste estudo (KOENING, 2012).

Espiritualidade, embora seja um conceito em expansão, pode ser definida como uma inclinação humana à busca de sentido para a vida por meio de conceitos que transcendem o plano tangível, envolvendo um sentimento de conexão com algo maior do que o próprio indivíduo (KOENING, 2015). Essa experiência pode ou não estar associada à participação em uma religião institucionalizada (SAAD, 2021), ~~embora, neste trabalho, esteja associada à religião católica.~~

Já Religiosidade refere-se à expressão mais estruturada e institucional da Espiritualidade, caracterizada pela adesão a crenças, práticas e rituais vivenciados por uma

comunidade de fé (KOENING, 2015). Desta maneira, ao considerar a Religiosidade no âmbito da tradição católica, este estudo reconhece um conjunto de práticas e crenças e um horizonte simbólico e comunitário dos praticantes na elaboração do sentido da vida e no enfrentamento do Vazio Existencial na contemporaneidade.

A espiritualidade constitui um tema complexo e amplamente debatido no meio acadêmico, sendo objeto de diferentes abordagens teóricas e conceituais. As divergências presentes na literatura decorrem, sobretudo, da multiplicidade de perspectivas filosóficas, psicológicas, sociológicas e teológicas que buscam compreendê-la. Apesar dessa diversidade conceitual, muitos dos principais pesquisadores convergem ao reconhecer que o elemento comum às diferentes expressões espirituais é a referência a uma dimensão transcendente da realidade, entendida como algo que ultrapassa o mundo puramente material. Essa transcendência pode ser compreendida de diversas formas, mas permanece como núcleo central da experiência espiritual.

Nesse sentido, a espiritualidade pode ser definida como a relação ou o contato do ser humano com essa dimensão transcendente considerada sagrada, fonte de verdade ou realidade última. Já a religião corresponde à dimensão institucional, comunitária e prática dessa experiência, expressando-se por meio de sistemas organizados de crenças, ritos, valores e práticas relacionados ao transcendente e ao sagrado (MOREIRA-ALMEIDA, 2021).

Portanto e conforme apresentado, enquanto a Espiritualidade diz respeito à experiência subjetiva de busca de sentido, transcendência e relação com o sagrado, a Religiosidade refere-se às práticas, crenças e pertencimentos institucionais que organizam essa experiência. Contudo, tais dimensões não se desenvolvem de modo isolado, sendo frequentemente integradas na vida dos sujeitos. Conforme destaca Clodovis Boff (2014), na perspectiva teológica, a Espiritualidade necessita de uma mediação religiosa concreta, ao mesmo tempo em que a religião depende de uma vivência espiritual que lhe confira sentido e autenticidade. Nesse sentido, considerando a proximidade fenomenológica e a interdependência dessas dimensões na experiência humana, este estudo adotará os termos Espiritualidade e Religiosidade de forma correspondente, especificados posteriormente dentro do contexto cristão-católico.

Os dados mais recentes do Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), confirmam a centralidade da religião na vida social do país, e o catolicismo, embora tenha havido uma redução significativa de sua participação, ainda permanece como a maior tradição religiosa no Brasil. Tais dados reforçam a pertinência de investigações que abordem a Espiritualidade/Religiosidade e o sentido da vida no contexto da saúde mental, especialmente diante do fenômeno do vazio existencial que pode

se manifestar tanto em contextos de enfraquecimento de vínculos religiosos tradicionais quanto em processos de busca individualizada por significado.

Para Koenig (2015), o bem-estar espiritual tem se destacado na literatura como uma variável relevante para a resiliência e proteção da saúde, contribuindo não apenas para a prevenção e alívio de agravos no processo saúde-doença, mas também para a promoção de uma melhor qualidade de vida.

Portanto, é possível afirmar que níveis mais elevados de envolvimento religioso e/ou espiritual estão positivamente associados a indicadores de bem-estar psicológico - como maior satisfação com a vida, felicidade, presença de afetos positivos, bem como à redução de sintomas depressivos, pensamentos e comportamentos suicidas, e uso ou abuso de álcool e outras substâncias (KOENIG, 2012).

Embora existam relatos de experiências associadas ao chamado *coping* religioso negativo - tais como riscos de manipulação, passividade diante de tratamentos médicos ou negação da realidade -, a maior parte das evidências científicas concentra-se nos efeitos benéficos da Espiritualidade/ Religiosidade para a saúde. Não à toa, a Associação Mundial de Psiquiatria passou a recomendar a inclusão da Espiritualidade/Religiosidade na prática clínica, na pesquisa científica e na abordagem terapêutica do cuidado em saúde. Essa recomendação, frequentemente referenciada como o “*WPA Position Statement on Spirituality and Religion in Psychiatry*” (2016), é um dos documentos oficiais mais citados quando se trata da importância reconhecida da Espiritualidade na psiquiatria moderna, inclusive em contextos de sofrimento psicológico, depressão e risco de suicídio.

Moura et al (2023) publicaram uma revisão sistemática de literatura com o objetivo de identificar se a Espiritualidade/Religiosidade (E/R) impacta positiva ou negativamente na saúde mental de jovens e adultos. Os autores identificaram, nas bases de dados consultadas, 79 artigos que preencheram os critérios de inclusão do estudo. Destes, 77 apresentaram como resultados que a E/R funciona como fator de proteção de aspectos relacionados à saúde mental, e 16 estudos identificaram que, mesmo nos casos em que há fatores de proteção, há também fatores de risco. Ainda relacionado ao total de artigos revisados, em 30 deles foi estabelecida relação entre E/R e sentido existencial.

Em outro estudo de revisão, Faustino et al. (2022) apresentaram a associação entre Espiritualidade/Religiosidade e o enfrentamento de uma condição médica crônica, a saber, o diabetes mellitus. O objetivo do estudo foi compreender a influência da Espiritualidade/Religiosidade na qualidade de vida e ajustes de comportamento de pacientes em tratamento da citada doença, visto que esta impacta tanto em relação aos aspectos de saúde

física como também mental. Foram identificados estudos que utilizaram diferentes métodos, nas bases de dados Scielo, PubMed, Medline e Lilacs. Os resultados revelaram que existem impactos significativos na qualidade de vida geral e relatos de associação da condição médica com sentimentos de tristeza, medo, ansiedade e preocupação. A busca pela Espiritualidade/Religiosidade foi identificada como importante recurso no enfrentamento da condição.

Em estudo empírico, Vieira de Souza e Anunciação (2023) avaliaram o impacto da pandemia de COVID-19 na saúde mental de indivíduos em seguimento de saúde na atenção primária, especialmente no que diz respeito à ansiedade e à depressão amplamente evidenciadas durante e após a pandemia. Participaram 1293 respondentes dos instrumentos: questionário sociodemográfico, Inventário de Depressão de Beck, Inventário de Ansiedade Traço-Estado e Escala Breve de Enfrentamento Espiritual Religioso. Por meio da análise estatística ANOVA, os autores concluíram que os participantes que rezavam sozinhos diariamente tinham menor pontuação em relação aos traços de ansiedade. Além disso, evidenciaram que participantes que declararam mais práticas espirituais apresentavam menos sintomas depressivos. Assim, foi percebido o impacto positivo da Espiritualidade/Religiosidade na saúde mental dos participantes.

À luz das evidências contemporâneas sobre a relevância da dimensão espiritual, e diante do crescente interesse no campo acadêmico e científico sobre a relação espiritualidade-saúde, a Teologia oferece uma contribuição essencial à Antropologia e à Psicologia, propondo uma compreensão do ser humano como um “ser espiritual”. Enquanto ciência que se dedica, entre outros temas, ao estudo do transcendente e de sua relação com o imanente, a Teologia fornece uma perspectiva integrada do homem e do mundo, exigindo, portanto, um aprofundamento rigoroso e honesto de sua visão antropológica:

A espiritualidade é uma questão profundamente humana. A base disso é que o ser humano é espírito. ‘Espírito’ é a dimensão de profundidade do ser humano. É a interioridade da pessoa, uma interioridade aberta ao outro e ao totalmente Outro. É a sede do divino. (BOFF, 2024, p.17)

Viktor Frankl, em consonância com essa perspectiva, afirma que a dimensão espiritual é aquilo que verdadeiramente define o humano, distinguindo-o dos demais seres vivos. Para o autor, é nessa dimensão que o homem encontra sua liberdade interior, sua capacidade de atribuir sentido à vida, de responder às circunstâncias objetivas da existência e de se abrir ao transcendente.

Aquino (2021) reflete em profundidade sobre o significado da transcendência e o que chama de *Homus Religiosus* no pensamento de Viktor Frankl. Em sua antropologia existencial, o *Homus Religiosus* é um ser intrinsecamente aberto à transcendência. Nesse sentido, a Religiosidade não é concebida por Frankl primordialmente como adesão institucional ou prática ritual, mas como uma disposição existencial que orienta o indivíduo para um horizonte último de sentido.

Abrir-se à transcendência - ou, mais amplamente, reconhecer a existência de uma realidade que ultrapassa os limites do material - constitui uma característica intrinsecamente humana. Assim, a Espiritualidade é percebida como uma dimensão fundamental na constituição da pessoa, estando intimamente relacionada à sua identidade, sentido existencial e experiência de mundo. Desta forma, a ideia de transcendência permite compreender a experiência religiosa como uma expressão particular da capacidade fundamental do ser humano de ultrapassar a si mesmo na direção de um sentido que o chama e o interpela.

Assim, os estudos citados, e muitos outros realizados, evidenciam que, independentemente de se considerar aspectos clínicos (físicos e mentais) e aspectos existenciais, a Espiritualidade/Religiosidade se apresenta como ponto importante e colaborativo no manejo das questões humanas.

1.2 Vazio Existencial na contemporaneidade

O VE é considerado um estado de percepção de falta de sentido na vida e pode se manifestar de formas e em épocas diferentes. Segundo Frankl, é possível verificar que, mesmo em um mundo acessível e com tantas possibilidades de bem-estar social, a vida humana se mostra em constante estado de sofrimento: “[...], que as pessoas têm o suficiente com que viver, mas não têm nada por que viver; têm os meios, mas não têm o sentido” (FRANKL, 1985, p. 68).

A experiência de VE, embora não seja patológica, pode desenvolver doenças como a depressão e estimular a prática do suicídio, conforme sugere Pinheiro (2021). De acordo com o autor, estudos mostram também que a apatia e desmotivação profundas, resultados dessa experiência, comprometem diretamente a eficácia dos tratamentos de saúde em diversos níveis, e mostram ser possível estabelecer uma relação do Vazio Existencial com o adoecimento psicológico: “o vazio existencial é uma alteração que necessita ser encarada com seriedade

pelos profissionais da saúde, em todas as faixas etárias, pois é responsável por gerar sofrimento psíquico e consequentemente transtornos mentais” (PINHEIRO, 2021, p. 88).

Sales (2025) lança um olhar ainda mais atual sobre a questão do VE relacionando-o com o avanço da inteligência artificial e o consequente risco de extinção de algumas profissões. Segundo o estudo, esse quadro inevitável de evolução tecnológica tem gerado

um aumento de insegurança laboral, ansiedade antecipatória e vulnerabilidade psicológica, associadas ao risco de desemprego em massa. Constatou-se, ainda, que o trabalho, enquanto fonte de sentido, sofre abalos que podem desencadear frustrações existenciais e neuroses noogênicas. (página)

sendo necessário transformar o VE em possibilidade de crescimento e desenvolvimento.

Por neurose noogênica, Frankl entende que, “[...] há ainda outra manifestação que é a consequência do vazio existencial: trata-se de uma neurotização específica, a ‘neurose noogênica’, que etimologicamente tem sua razão de ser no sentimento de falta de sentido [...]” (FRANKL, ano, página). De acordo com o autor, essas neuroses são chamadas assim, “quando tem suas raízes não em complexos psicológicos ou traumas, mas em problemas espirituais, conflitos morais, e crises existenciais [...]” (FRANKL, 2022, p. 39).

Em sua teoria, Viktor Frankl argumenta que “o VE é um fenômeno muito difundido deste século. Isso se deve ao fato de que o homem perdeu algumas das suas tradições instintivas” (FRANKL, 2011, p. 14) como as tradições religiosas, por exemplo, que antes favoreciam a busca de sentido à existência humana, existindo como referenciais e mediadores na busca por sentido, quando indicavam não apenas “o que fazer”, mas sobretudo “por que viver”. Assim, a religião não eliminava a necessidade de busca pessoal de sentido, mas reduzia o risco do vazio ao oferecer caminhos previamente significativos, dentro dos quais o sujeito podia se situar e responder à vida.

O VE, na perspectiva de Viktor Frankl, decorre da frustração da vontade de sentido, isto é, da não realização de valores capazes de conferir significado à existência. Tal frustração manifesta-se, sobretudo, quando o indivíduo se fecha em si mesmo, adotando uma postura egocentrada que o impede de responder adequadamente às demandas concretas da vida - como a entrega, a doação, a atitude criativa e a capacidade de atribuir sentido ao sofrimento - ou quando tenta negar sua dimensão espiritual constitutiva.

Nesse sentido, Frankl aprofunda que essa condição não se limita ao âmbito individual, mas está profundamente relacionada a um contexto cultural marcado pelo niilismo. O fenômeno do niilismo, intensificado no contexto histórico em que viveu Viktor Frankl - marcado pelas grandes guerras, pela crise dos valores ocidentais e pela experiência dos campos de

concentração - constitui um elemento fundamental para a compreensão de sua antropologia e, em especial, de sua noção de VE. Inserido em um século profundamente atravessado pela ruptura com referenciais transcendentais, Frankl reafirma o esvaziamento do sentido como uma das principais enfermidades espirituais do homem contemporâneo, pois este passa a experimentar uma existência desprovida de finalidade última, o que favorece o surgimento de um estado de tédio, apatia e falta de direção.

Assim, pode-se afirmar que o niilismo moderno não apenas constitui o pano de fundo histórico-filosófico do pensamento de Viktor Frankl, mas também oferece a base interpretativa para sua proposta terapêutica, na medida em que a Logoterapia se apresenta como uma resposta à crise de sentido, propondo a redescoberta da dimensão noética e da abertura ao transcendente como caminhos de superação do vazio.

Frankl reforça sua visão sobre o niilismo dizendo que “o niilismo de hoje não mais se desmascara a si mesmo ao falar sobre o ‘nada’. Atualmente ele se recobre sobre a máscara do ‘nada mais que’, sendo o reducionismo a máscara do niilismo” (FRANKL, 2022, p. 32). O autor se opõe com clareza e firmeza a qualquer visão filosófica e científica que trate o ser humano e suas questões essenciais a partir de uma perspectiva reducionista.

Sua crítica ao reducionismo fundamenta-se na defesa da dimensão noética (ou espiritual) do ser humano. Na medida em que perspectivas biologizantes, psicologizantes ou sociologizantes (FRANKL, 2021) negam a abertura ao sentido e à transcendência, elas não apenas empobrecem a compreensão do ser humano como também favorecem a perda de significado existencial. Seguindo esta linha de pensamento, pode-se concluir, portanto, que o reducionismo de qualquer dimensão humana, em especial, a dimensão noética, pode levar ao niilismo moderno, como chamado por ele.

Dessa forma, o VE configura-se como uma possibilidade humana que surge quando há a percepção de ausência de sentido na vida, sendo intensificado por contextos culturais que reduzem o ser humano e negligenciam sua dimensão espiritual. Esta, por sua vez, constitui o espaço no qual se realiza a abertura ao transcendente, podendo ser compreendida, em termos teológicos, como abertura a Deus.

Estudos epidemiológicos de saúde mental atuais ressaltam um aumento significativo de tentativas de suicídio e comportamento de autolesão. De acordo com dados do Boletim Fatos e Números, da Secretaria Nacional da Família, publicado em 2022, as ocorrências de comportamentos autolesivos entre crianças e adolescentes aumentaram 28% no período entre 2011 e 2018. Já em relação à mortalidade por suicídio, a análise da evolução das taxas por faixa etária demonstrou tendência ao aumento proporcional da morte por suicídio em todos os grupos.

Dentre diversas variáveis, tais fenômenos podem ser associados à crise de sentido da sociedade contemporânea, tornando-se uma questão central para a compreensão do sofrimento humano diante dos desafios atuais.

Gonçalves, Bragança de Vasconcelos Pessoa e Brasil (2025) propuseram em seu estudo, uma análise do conceito de *Homo Incompletum*, com base na concepção de que o VE não pode ser considerado uma deficiência, mas sim uma condição humana que proporciona o desenvolvimento da espiritualidade integral. Os autores buscaram articular a filosofia existencial, a psicologia humanista e a teologia contemporânea na análise da ditadura da felicidade, que desconsidera a incompletude humana. De acordo com eles, há a necessidade de aceitação dessa condição de incompletude, para a busca de uma vivência espiritual integradora, para além dos reducionismos da vida contemporânea.

Sendo assim, entende-se que a crise de sentido contemporânea pode ser compreendida em termos individuais na experiência de vazio, e também de modo amplo, social, através da leitura crítica das estruturas socioculturais que o produzem e o intensificam. Surge, então, a necessidade de reorientar o sujeito para além da lógica do fazer e do ter, em direção a uma experiência de sentido que integra interioridade, transcendência e relação. Desta forma, será possível buscar respostas saudáveis para a crise de sentido e Vazio Existencial e suas consequências no âmbito pessoal e social.

Rodrigues (2025) associa o pensamento de Frankl ao pensamento de Byung-Chul Han (2010), filósofo e sociólogo contemporâneo, que defende que as raízes sociais da crise de sentido estão na ascensão da racionalidade e do Humanismo. Segundo ele, tais pensamentos têm convergência com os problemas citados acima, manifestados nas estruturas sociais pós-modernas.

Han (2010) sugere a necessidade de recuperar dimensões negligenciadas pela lógica produtivista, entre elas a contemplação, o silêncio e uma forma de espiritualidade desvinculada do desempenho, que permita ao sujeito reencontrar uma experiência de interioridade e abertura ao outro, e como consequência, de saúde e bem estar.

1.3 Saúde e Dor total

A compreensão do VE no contexto da saúde mental requer uma noção ampliada do conceito de saúde que ultrapasse a ausência de doença e inclua dimensões subjetivas e simbólicas da experiência humana, como a Espiritualidade. Essa proposta corrobora, inclusive,

com a definição de saúde mais recentemente proposta pela Organização Mundial da Saúde – OMS - segundo a qual saúde é “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de enfermidades” (OMS, 1946). Ainda que a dimensão espiritual não apareça de forma explícita nessa formulação clássica, documentos posteriores e a literatura científica contemporânea reconhecem a Espiritualidade como importante componente para o bem-estar, especialmente no que se refere à atribuição de sentido à vida, ao enfrentamento do sofrimento e à promoção da saúde mental.

O VE, conforme descrito por Frankl, pode estar diretamente relacionado ao conceito de Dor total proposto por Cicely Saunders (1918-2005) - médica, enfermeira e assistente social que trabalhou por anos com pacientes em cuidados paliativos - que inclui em sua compreensão, diversas dimensões da dor humana, dentre elas, física, psíquica, espiritual e social (KOBAYASHI, 2003). Dessa maneira, quando se considera o Vazio Existencial como potencial causador de sofrimento humano, este pode ser relacionado a esse conceito ampliado de dor. Portanto, o conceito de Dor total, formulado por Saunders no contexto dos cuidados paliativos, e o de Vazio Existencial, proposto por Viktor Frankl na Logoterapia, apresentam elementos significativos para a compreensão do sofrimento humano como uma experiência essencialmente vinculada à busca de sentido com impactos direto na saúde integral.

Benites (2021) reforça a importância de cuidados espirituais para pacientes em final de vida e apresenta a necessidade de estudos que avaliem a história espiritual do paciente, chamada de anamnese espiritual, a fim de promover dignidade e busca por sentido na vida. Tal necessidade pode alcançar as necessidades espirituais de pessoas religiosas ou não.

Gonçalves (2024) atualiza o conceito de Saunders de que a dor espiritual constitui uma das dimensões da Dor total, surgindo quando o indivíduo enfrenta sentimento de perda de propósito, medo da morte, culpa não resolvida ou desconexão com o transcendente. Essa dor reflete uma ferida na dimensão do significado e requer intervenções que reconheçam a Espiritualidade como dimensão constitutiva da pessoa.

A dor espiritual, nesse contexto, se caracteriza quando o indivíduo perde o sentido de propósito ou pertencimento - condição que se aproxima do VE descrito por Frankl e da inquietude interior vivida por Agostinho. Por isso, Saunders defende que a atenção integral à pessoa em estado de sofrimento deve incluir o cuidado com a dimensão espiritual, espaço onde a pessoa lida com questões de sentido, fé, esperança e reconciliação.

Nesse sentido, enfrentamento da dor e do sofrimento revela-se como um processo de alívio e como uma oportunidade de reintegração pessoal e cura diante dos limites da existência. E a espiritualidade/ religiosidade se torna um veículo essencial

para a promoção desse enfrentamento, fornecendo ferramentas de superação como a conexão com o Transcendente, a consciência e o alívio das culpas, o sentimento de pertença a um grupo ou a Deus que desfaz o sentimento de abandono que muitas vezes acompanha a pessoa em situação de VE e/ou doença, e outros. (SAUNDERS, ano, página)

1.4 Reflexão espiritual de Agostinho

Agostinho é uma figura de destaque para o pensamento ocidental, sobressaindo-se por sua contribuição na organização do pensamento espiritual, segundo a tradição cristã. Ele recebeu o título de doutor da Igreja, na perspectiva católica, dentre outras razões, por propor um caminho para a Interioridade na busca pela Espiritualidade como experiência particular. Esse pensamento propõe um sistema de conduta e práticas espirituais voltadas ao autoconhecimento da alma, à luz da experiência de fé, com o objetivo último de possibilitar o encontro com Deus no interior do homem, em sua subjetividade.

A obra *Confissões*, escrita por ele entre os anos de 397 e 401 d.C., posiciona-se no contexto de sua maturidade intelectual e espiritual, quando já exercia o ministério de Bispo em Hipona no norte da África. Diferentemente de uma autobiografia no sentido moderno, trata-se de um texto teológico, filosófico e espiritual, estruturado como oração, no qual o autor revisita sua trajetória pessoal à luz da ação da graça divina. Nesse sentido, Agostinho busca não apenas narrar sua história como também testemunhar o itinerário interior que o conduziu da inquietação existencial ao encontro com Deus, apresentando a experiência humana como marcada por um desejo profundo de plenitude e verdade. A obra reflete ainda o cenário cultural de transição do final do Império Romano, caracterizado por crises sociais, disputas religiosas e intenso diálogo com correntes filosóficas, especialmente o neoplatonismo.

Santos (2017) reflete que as *Confissões* constituem um modelo de interioridade e conversão no qual o sofrimento, a angústia e a busca de sentido são compreendidas como caminhos formativos. Essa perspectiva revela grande atualidade e aproxima-se de Viktor Frankl que reconhece na inquietação humana uma abertura fundamental à transcendência e à construção de sentido.

Em Agostinho, o itinerário espiritual, no qual a pessoa encontra a verdade, a identidade pessoal e, finalmente, Deus, consiste em voltar-se para dentro de si mesma. Trata-se de um movimento de retorno, do exterior ao interior, no qual a busca pelo sentido da vida e pela felicidade não se realiza primeiramente nas coisas externas, mas na profundidade da alma,

conforme expresse quando afirma: “Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que estavas dentro de mim, e eu por fora te procurava [...]” (AGOSTINHO, 2017, 10, 27).

Ribeiro Lin (2022) analisa como, em *Confissões 10* (AGOSTINHO, 2017, p.), Deus é compreendido como “médico” da vida interior e como a narrativa autobiográfica busca não só a confissão como também a salvação-saúde do coração humano. Ele propõe que a obra, que vai além da autobiografia clássica, assume dimensões de cuidado e de saúde do ser, tornando-se, portanto, um caminho terapêutico para experiências como o Vazio Existencial, capaz de transformar a dor em ocasião de cura e sentido.

A reflexão espiritual em Santo Agostinho representa uma prática espiritual enraizada nos referenciais da fé cristã, na qual o retorno a si mesmo não se reduz a um exercício de introspecção psicológica, mas constitui um movimento de reencontro com Deus. Esse caminho não é um fechamento em si mesmo, mas um itinerário de relação: ao entrar em si, o sujeito encontra a marca de Deus que o transcende para, então, doar-se aos demais.

Nas *Confissões*, Agostinho descreve essa experiência ao reconhecer que Deus estava “mais íntimo a mim do que eu mesmo” (AGOSTINHO, 2017, p. 3, 6), revelando que a Interioridade é simultaneamente lugar de autoconhecimento e de encontro com o Transcendente. Segundo Ribeiro Lin (2022), Agostinho compreende a alma humana como o espaço da presença divina - um “lugar interior” onde a consciência da existência de Deus atua restaurando a unidade fragmentada do ser.

Para ele, o ser humano tende a dispersar-se apenas no mundo sensível, o que gera inquietação e vazio; a consciência diante de Deus, por sua vez, permite reconhecer a própria condição de criatura, a fragilidade do coração humano e a abertura constitutiva para o Absoluto.

Tal movimento de interiorização não é um retorno abstrato ao interior, mas um exercício rigoroso de reconhecimento e nomeação das experiências que habitam a Interioridade humana. Ao percorrer, nas *Confissões*, os próprios afetos, desejos e contradições, Agostinho elabora uma verdadeira pedagogia espiritual na qual o sujeito é chamado a identificar com verdade aquilo que sente - angústia, inquietação, desejo, culpa - como condição para o encontro com a verdade. Nomear corretamente os movimentos interiores não apenas ordena a experiência psíquica como também impede que o sujeito permaneça em um estado de confusão ou fuga de si, aproximando-o de uma consciência mais unificada (RIBEIRO LIN, 2022). Nesse sentido, a interiorização agostiniana pode ser compreendida como um caminho, que integra autoconhecimento e abertura ao transcendente, no qual dar nome aos próprios afetos constitui uma etapa importante para a construção de sentido.

Segundo Ribeiro Lin (2022), a dimensão narrativa-teológica adotada por Agostinho possui profundo potencial terapêutico, pois faz da confissão uma via de autoconhecimento, iluminado pela fé, capaz de conduzir a pessoa da percepção do vazio ao reencontro com um sentido para a sua vida. É desse modo que a espiritualidade agostiniana se configura como resposta existencial às experiências de vazio, permitindo que a busca de sentido se realize não pela autorreferência, mas pela abertura à transcendência.

Nesse sentido, este estudo não pretende esgotar o pensamento de Santo Agostinho nem propor uma leitura reducionista de sua obra. Pelo contrário, busca retornar “às fontes”, a fim de identificar elementos que favoreçam uma compreensão mais aprofundada das necessidades espirituais humanas e dos possíveis caminhos para trabalhá-las.

Ao longo do desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência, *Confissões* (AGOSTINHO, 2017) recebeu diversas interpretações, muitas delas marcadas por perspectivas reducionistas e tendenciosas, que acabaram por promover certa “terapeutização” de Santo Agostinho (RIBEIRO LINS, 2020). Esta pesquisa, contudo, procura reconhecer, em sua vasta e complexa experiência espiritual, a intencionalidade terapêutica presente em sua escrita, buscando extrair dela recursos que possam contribuir para esse propósito.

Nessa perspectiva, a Logoterapia de Frankl e a Espiritualidade agostiniana convergem na compreensão de que o sofrimento pode ser redentor quando conduz à descoberta de um significado mais profundo. Ambas visões afirmam, cada uma em seu contexto epistemológico, que a superação do vazio requer um movimento de interiorização e transcendência no qual o ser humano reencontra a unidade de si e o sentido de existir.

Essa convergência entre interioridade, transcendência e sentido encontra eco também na dimensão clínica da dor humana. Assim, a Espiritualidade, seja no horizonte teológico de Agostinho, existencial de Frankl ou clínico de Saunders, revela-se como caminho de integração e restauração do ser no qual a dor se transforma em possibilidade de cura, significado e comunhão com o transcendente.

1.5 Interioridade e Autotranscendência

No campo da reflexão sobre o sentido da vida e a Espiritualidade, identifica-se esse diálogo fecundo entre as perspectivas de Viktor Frankl e Santo Agostinho. À primeira vista, suas propostas parecem apontar para direções distintas. Enquanto Frankl enfatiza a autotranscendência, compreendida como a capacidade humana de orientar-se para além de si

mesmo em direção a valores, causas ou ao encontro com o outro (FRANKL, 1997), Agostinho propõe o movimento de Interioridade no qual o ser humano é convidado a voltar-se para dentro de si em busca da verdade e do encontro com Deus, processo entendido como movimento de interiorização ou investigação da alma, segundo Gracioso (2010).

Entretanto, essas perspectivas não são necessariamente opostas, podendo ser compreendidas como momentos complementares de um mesmo percurso existencial. Na tradição agostiniana, o movimento de interiorização tem como finalidade favorecer o autoconhecimento e o reconhecimento da dimensão mais profunda da existência humana (JÚNIOR, 2023). Ao voltar-se para o interior, o indivíduo entra em contato com sua própria verdade, com seus desejos mais autênticos e com a abertura ao transcendente. Esse processo constitui um caminho de amadurecimento espiritual no qual a Interioridade se torna espaço de encontro consigo mesmo e com Deus.

Por sua vez, a proposta de Frankl destaca que a realização plena da existência humana ocorre quando o indivíduo é capaz de transcender a si mesmo, orientando-se para algo que ultrapassa seus próprios interesses imediatos. A autotranscendência manifesta-se na dedicação a valores, na responsabilidade diante da vida e na capacidade de encontrar sentido em experiências concretas, inclusive no sofrimento.

Desse modo, interioridade e autotranscendência podem ser compreendidas como dimensões complementares do desenvolvimento humano. Enquanto a interioridade favorece o autoconhecimento e o aprofundamento da vida espiritual, a autotranscendência possibilita a concretização desse processo na realidade da existência por meio da realização de valores e da construção de sentido. Assim, o caminho para o sentido da vida pode envolver tanto o movimento de retorno ao interior quanto a abertura para além de si mesmo, configurando um dinamismo existencial que integra reflexão, espiritualidade e ação no mundo (SANTOS, 2017).

Assim, embora partam de referenciais distintos - psicológico e teológico -, ambos reconhecem que o fechamento do sujeito em si mesmo intensifica o vazio, ao passo que a abertura ao sentido e, em última instância, ao transcendente constitui o caminho de integração da existência. Dessa forma, pode-se afirmar que a Logoterapia oferece uma via fenomenológica para aquilo que, na tradição agostiniana, se realiza plenamente como encontro com Deus.

2 PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

Apresentados os conceitos discutidos anteriormente, é possível compreender que o fenômeno do Vazio Existencial, enquanto experiência humana, encontra-se diretamente relacionado à qualidade da saúde mental dos indivíduos que o vivenciam, podendo acarretar repercussões significativas para abordagens de cuidado integral em saúde.

Observa-se, ainda, que se trata de um tema investigado tanto sob a perspectiva psicológica quanto sob a religiosa as quais, em diversos aspectos, apresentam pontos de convergência e potencial complementaridade. Entretanto, persistem lacunas relevantes na literatura, especialmente no que se refere à aplicabilidade da dimensão espiritual como recurso terapêutico no enfrentamento da chamada Dor total, em qualquer uma de suas esferas. Diante desse contexto, evidenciou-se a necessidade de desenvolvimento da presente pesquisa.

Buscou-se, portanto, delimitar a pesquisa no âmbito da religião católica, em aspectos de sua espiritualidade que colaboram com o entendimento e o manejo do VE. A base desta reflexão está relacionada com a obra *Confissões*, de Santo Agostinho, a partir do seu conceito de Deus, do homem e de suas necessidades existenciais. Encontrou-se, portanto, que a Interioridade, ou seja, a experiência de autoconhecimento iluminada pela fé, assim como sugeriu Agostinho em sua autobiografia, tem um papel de destaque como recurso para lidar com o sofrimento existencial, dentre eles, o vazio.

No contexto da Igreja Católica, o sacerdote exerce um papel central no cuidado do sofrimento espiritual, atuando por meio do diálogo, do acompanhamento pastoral e da administração dos sacramentos - especialmente o sacramento da reconciliação ao qual são atribuídos efeitos terapêuticos no âmbito espiritual e psicológico. Pessoas em situação de sofrimento frequentemente recorrem a esse acompanhamento em busca de acolhimento e alívio.

Diante desse cenário, o presente estudo propõe-se a investigar como a ideia de Espiritualidade, tal qual indicada por Agostinho, é percebida por essas pessoas e de que modo seus efeitos impactam a vivência do sofrimento, a elaboração de sentido e os processos de enfrentamento.

3 OBJETIVOS

Promover um diálogo integrativo entre a ciência teológica de Agostinho e a ciência psicológica de Frankl, por meio da percepção dos entrevistados, no que diz respeito à questão da Espiritualidade/Religiosidade e seus potenciais benefícios para o bem estar do homem contemporâneo nas questões de Vazio Existencial.

3.1 Objetivos Específicos:

- a) aprofundar a visão antropológica da Logoterapia de Viktor Frankl e a proeminência dada à dimensão espiritual;
- b) analisar o fenômeno do Vazio Existencial na percepção de líderes religiosos na denominação católica;
- c) analisar a Espiritualidade apresentada por Agostinho em suas *Confissões* (397-401) e esquematizar sua metodologia como um possível recurso terapêutico;
- d) elaborar um material de apoio para profissionais da área da saúde e da religião que lidam ou instruem pessoas com vivências de E/R como colaboração para o amadurecimento e saúde integral.

4 MÉTODOS

4.1 Tipo de pesquisa

Realizou-se um estudo descritivo, exploratório, com base nas obras de Frankl e Agostinho, por meio da realização de entrevista semiestruturada (MINAYO, 2012) com 10 padres católicos (líderes religiosos) que exercem acompanhamento de pessoas em estado de sofrimento causado pelo vazio existencial e falta de sentido.

4.2 Local da pesquisa

A coleta de dados foi realizada em um seminário e em paróquias de uma cidade no interior de São Paulo.

4.3 Sujeitos da pesquisa

Participaram da pesquisa 10 padres católicos, ou seja, sujeitos que foram preparados para atuarem como líderes religiosos dessa denominação.

4.4 Critérios para inclusão e exclusão dos sujeitos

Foram considerados critérios para inclusão dos sujeitos: pertencer à instituição Igreja Católica como liderança ordenada e estar atuante em trabalho paroquial; não ter comprometimento intelectual que impeça a compreensão das questões de entrevista.

Em contrapartida, foram considerados critérios para exclusão: não estar ligado à paróquia local; não estar vinculado atualmente ao trabalho paroquial.

4.5 Descrição da coleta de dados

A corrente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Paulista - UNIP - para apreciação. O projeto conta com Carta de Apresentação assinada pelo coordenador do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental (encaminhada com o projeto).

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (28/08/2025), foi realizada a composição da amostra. A seleção da amostra de padres foi divulgada na área paroquial correspondente, utilizando-se do método de bola de neve (*snowball*) o qual consiste em, a partir do primeiro sujeito que concorde em participar da pesquisa, seja solicitada indicação para busca do próximo participante. Assim, a seleção da amostra ocorreu por rede de indicação (BOCKORNI; GOMES, 2021).

Assim que houve aceite em participar da pesquisa, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que fosse realizada a leitura do mesmo e posterior assinatura para comprovação da concordância em participar da pesquisa. Após a assinatura, foi realizada a entrevista, considerando-se e mantendo-se as prerrogativas estabelecidas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP (resolução n.466/2012).

As entrevistas concedidas foram gravadas e posteriormente transcritas, seguindo-se a análise para que o material seja o mais fidedigno possível.

4.6 Variáveis de estudo

As variáveis do estudo são qualitativas, visto que o instrumento de coleta de dados contém uma parte de levantamento de dados sociodemográficos e questões semiestruturadas para análise e categorização dos dados.

4.7 Instrumento de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados foi elaborado visando contemplar a caracterização da amostra e levantamento de dados qualitativos para posterior análise.

Assim, foram elaborados um questionário de dados sociodemográficos (idade, sexo, estado civil, etc.) e uma sessão com questões norteadoras e entrevistas semiestruturadas acerca dos temas de interesse do estudo, embasados na literatura referente.

4.8 Análise de dados

Após a realização e transcrição das entrevistas, os dados originados foram categorizados de acordo com o método de análise de conteúdo temática (MINAYO, 2008).

Campos e Turato (2009) propõem que essa análise seja realizada em três etapas para que seja possível extrapolar a concretude do discurso e atingir um nível de análise no qual seja possível levantar inferências. Dessa maneira, as etapas definidas pelos autores são: *i)* na primeira etapa, é realizada a leitura flutuante no intuito de que o pesquisador tenha contato com o material coletado na íntegra. Para atender a essa proposta, é possível que haja a necessidade de a leitura flutuante ser realizada mais de uma vez, dependendo da quantidade de material coletado, para que o pesquisador tenha condições de ter um panorama geral dos dados, embora ainda sem profundidade; *ii)* na segunda etapa, há o objetivo de identificação do conteúdo manifesto (ou seja, oriundo do discurso concreto) e do conteúdo latente do discurso (possíveis significações, o que requer leitura mais aprofundada e atenta às possíveis construções de significado); *iii)* a terceira e última etapa objetiva a construção de inferências sobre os discursos (manifesto e latente) identificados na fase anterior. Nesse momento, é importante que sejam consideradas as particularidades do discurso do participante, com a cosmovisão do pesquisador, com base nos aspectos acadêmicos e no contexto histórico e social no qual o sujeito da análise se insere.

Completadas as três fases, os dados foram descritos de acordo com a categorização gerada pela análise e pela interpretação dos dados, de maneira a serem comunicadas com base nas exigências didático-científicas vigentes (CAMPOS; TURATO, 2009).

4.9 Análise de riscos e benefícios para a população estudada

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como mínimo, uma vez que os participantes entrevistados não são considerados população em situação de risco e vulnerabilidade. Caso alguém se sinta desconfortável, ou

verbalize algum sofrimento relacionado com a temática estudada, podemos encaminhá-lo para um serviço público ou para atendimento em clínica escola de Psicologia. O participante também pode encerrar sua participação a qualquer momento, sem prejuízo para nenhuma parte.

Em contrapartida, pensando que os padres, como líderes religiosos, fazem diretamente o manejo de aspectos relacionados ao Vazio Existencial e, conseqüentemente, manejo dos aspectos da Dor total, a pesquisa pode beneficiar a prática desses participantes por meio da reflexão acerca dos temas, podendo repensar suas práticas e desenvolver novas intervenções e abordagens.

Além disso, a pesquisa poderá colaborar não apenas com benefícios aos participantes como também contribuirá com a comunidade científica com a produção de artigos que possam colaborar com outros pesquisadores e estudos futuros. Ao término da pesquisa, a pesquisadora elaborou um material informativo, em formato de cartilha, cujo objetivo é o oferecimento de possíveis estratégias de manejo frente ao Vazio Existencial.

4.10 Critérios para suspender ou encerrar a pesquisa

Considerando os aspectos éticos salvaguardados pelas resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a pesquisa será suspensa ou encerrada para o participante caso este demonstre ou verbalize quaisquer desconfortos no momento da realização da entrevista. Nesse caso, será proposto reagendamento ou encerramento da participação do entrevistado, sem quaisquer tipos de prejuízo. Havendo necessidade, o participante poderá ser encaminhado a um serviço de clínica escola da cidade onde realizar-se-á a entrevista, para avaliação e conduta, conforme descrito no TCLE.

4.11 Obrigatoriedade de tornar público os resultados

Os resultados produzidos pelo estudo geraram um produto técnico tecnológico (PTT) que se intenta que seja a produção de uma cartilha com considerações acerca da possibilidade de manejo do Vazio Existencial por meio da religiosidade, buscando atingir os adeptos da religião católica que atualmente é a denominação com maior número de adeptos no país (IBGE, 2010).

Além disso, foram produzidos artigos científicos com base nos dados e análises resultantes do estudo. Ao assumir esses dois compromissos, que são exigências do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental, almeja-se que este estudo científico cumpra sua função de contribuir para o desenvolvimento da ciência e para o oferecimento de recursos à sociedade.

4.12 Ética em pesquisa com seres humanos

Considerando as Resoluções CNS 466/12 (Brasil, 2012) e CNS 510/16 (Brasil, 2016), que normalizam e fornecem diretrizes regulamentadoras para a realização de pesquisas envolvendo seres humanos, sabe-se que existem riscos durante e após a aplicação e, por esta razão, se faz necessário respeitar os direitos e a integridade dos participantes. Dessa forma, afirma-se que, na atual pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, considerando-se que a população a ser estudada é composta por líderes católicos que têm vinculação prévia com a religiosidade.

5 RESULTADOS

Participaram da pesquisa 10 sacerdotes católicos, com tempo de ordenação variando entre 2 e 10 anos, atuantes em contextos pastorais distintos, o que contribuiu para a diversidade de experiências relatadas. Para preservar o anonimato, os participantes foram identificados como P1, P2, P3 e assim sucessivamente. Tabela de participantes a seguir.

Tabela 1

Participante	Idade	Tempo de sacerdócio	Contexto pastoral atual
P.1	40 anos	5 anos	Vigário paroquial, doutorando em Teologia
P.2	40 anos	9 anos	Pároco
P.3	40 anos	10 anos	Capelão da Marinha. Doutor em Teologia, professor universitário
P.4	47 anos	13 anos	Pároco
P.5	45 anos	3 anos	Vigário paroquial
P.6	41 anos	5 anos	Pároco
P.7	40 anos	12 anos	Vigário paroquial e mestre em Teologia
P.8	38 anos	5 anos	Padre missionário
P.9	37 anos	2 anos	Vigário paroquial
P.10	42 anos	2 anos	Vigário, mestre em Teologia e reitor de seminário

As entrevistas foram submetidas à análise conforme proposta de análise de conteúdo temática (MINAYO, 2008). O material coletado foi organizado nas seguintes categorias: 1. experiência pessoal de vazio existencial; 2. autoconhecimento e interioridade, com as subcategorias de aspectos formativos e exame de consciência e escrita; 3. experiência de sofrimento; 4. fé e espiritualidade, com a subcategoria de noção de eternidade e pós morte; 5. experiência religiosa.

5.1 Experiência pessoal de vazio existencial

A categoria “vazio existencial” emergiu a partir das falas que expressavam sentimentos de falta de sentido, inquietação interior e sofrimento observados na própria experiência pessoal. Os participantes relataram que essa experiência se manifestou ao longo da vida, sobretudo em contextos de perda de referenciais e crises vocacionais, e poderia ter se tornado precedente para estados de sofrimento ainda mais graves, como a depressão e o suicídio.

“Eu lembro de um dia que eu estava sentado na porta da minha casa, e eu vi os carros passarem, e olhava aquele monte de carro passando, era hora de pico, seis horas da tarde, e eu falava, mas por que essas pessoas estão aqui? Eu pensava: por que que eu estou aqui? Qual é o sentido de estar aqui, essas pessoas trabalhando? Nossa, me bateu uma angústia tão grande esse dia, um vazio tão grande, e nesse dia foi um dos dias que eu pensei que não valeria a pena viver, que até foi uma das únicas vezes, algumas das poucas vezes, que eu pensei em suicídio, por ver que a vida é totalmente sem sentido, vazia, esforço, trabalho, a gente vive, trabalha, morre, e qual que é o sentido de tudo isso, né”. (p.9)

“Era como se fosse uma dor que eu não sabia de onde vinha, dava uma vontade de gritar e aquilo sufocava e eu falava assim: "Gente, eu vou morrer aqui se continuar desse jeito". E eu percebia que era por não ter um sentido claro, né? Tanto que quando eu vim conversar com o bispo para o meu ingresso aqui, eu disse isso para ele. Eu falei assim: "Eu só quero que a minha vida continue o fluxo. Eu quero ter um motivo para viver. Eu quero ter uma razão, porque onde eu estou hoje não vejo muito para onde caminhar. Então eu vi aquilo como um desespero mesmo. Eu precisava dar um sentido para a minha vida ou eu não ia dar passos mais”. (p.10)

Nota-se, ainda, que a experiência de vazio, e o sofrimento decorrente dela, foi motivo relevante para o início da prática religiosa e busca espiritual.

“O que me fez buscar a Deus e igreja foi uma situação também de depressão, que na época nada tinha um sentido para mim. É uma tristeza muito grande”. (p.5)

“Houve vários momentos, até mesmo de angústia diante do vazio, que para mim foram importantes também, porque foram os momentos do vazio que me levaram, em algum certo momento, a buscar entender o sentido da vida. Então, de alguma forma, a espiritualidade religiosa da qual eu participo que é a Igreja Católica - hoje sou sacerdote - me ajudou a encontrar o sentido da vida”. (p.6)

Algumas condutas diante do vazio e alguns elementos de superação também foram evidenciados durante as entrevistas.

“E as consequências a princípio não foram muito boas, porque eu percebi que eu fui atrás de compensações que não preenchiam, só aumentava esse vazio [...] mas vários vazios que eu tive, eu consegui superá-los com Deus, com terapia e com bons

relacionamentos. Ao contrário, todas as vezes que eu não busquei isso, as consequências não foram muito boas”. (p.6)

5.2 Autoconhecimento e interioridade

A categoria “autoconhecimento” reúne falas que destacam a importância da interioridade e da reflexão pessoal como recursos no manejo do vazio existencial na experiência pessoal e também no aconselhamento pastoral. É apresentado como um processo importante que deve ser vivido com abertura e serenidade, uma vez que a tomada de consciência de si próprio implica ter contato com as próprias “sombras” (autor, ano).

“Para mim foram importantes as terapias que eu fiz ao longo do processo dentro da minha formação para sacerdócio, porque traziam dentro de mim traumas, situações ou até mesmo gatilho de resposta, que era uma forma de criar uma auto defesa, para tentar muitas vezes mostrar que eu não era aquilo que às vezes as pessoas pensavam de mim, né? E ao fazer algumas terapias, ela me colocou dentro da realidade daquilo que eu era, né? E isso me ajudou de forma concreta”. (p.5)

“Eu gosto de sempre identificar o ser humano com sombras e luzes, né? Nós somos sombras e o autoconhecimento, ele se torna profundo quando nós somos capazes de identificar aquilo que é sombra em nós, mas também aquilo que é luzes, né? Então, identificar só o que é que é luz, a gente pode cair no orgulho, identificar aquilo que é sombra, só sombra, a gente cai numa depressão, num desespero, né? Então, o processo de autoconhecimento, ele parte de uma profundidade de olhar para a nossa vida de uma forma natural, sabendo que nós temos limitações, mas também temos virtudes, né? E uma coisa joga com a outra”. (p.5)

“E foi uma experiência transformadora, ao mesmo tempo era uma experiência sofrida, porque olhar para dentro de si nem sempre é fácil, né? A gente tem que tomar consciência da própria sombra, das próprias sombras, das próprias contradições, inconsistências, mas aprendendo a lidar com aquilo, à luz da fé, a luz da experiência com Deus, experiência espiritual, aquilo vai se tornando o processo libertador, né? A gente não se afunda, mas ao contrário, a gente vai aos poucos se libertando, vai aos poucos ressignificando”. (p.7)

“Você ajuda a pessoa a olhar para aquilo que ela tá tirando de dentro dela. Você ajuda a pessoa a separar o sofrimento que tá fora, esse sofrimento existe, provação, família, tudo. Mas vamos olhar aqui para você, porque no fundo é isso que toca, é isso que importa, né? O que sai do seu coração”. (p.2)

Essa categoria desdobra-se em duas subcategorias, aspectos formativos e exame de consciência e escrita, como ferramentas importantes para que o processo de autoconhecimento seja vivenciado com a profundidade que lhe é necessária.

5.2.1 Aspectos formativos

Os aspectos formativos referem-se às experiências de formação humana, espiritual e acadêmica (esta sobretudo para seminaristas, padres e religiosos) mencionadas pelos participantes como fundamentais para o desenvolvimento do autoconhecimento. Os sacerdotes destacaram que processos formativos contínuos favorecem maior maturidade emocional e, como consequência, capacidade de lidar com o sofrimento existencial.

“Isso é uma das uma das demandas mais preocupantes na igreja, né? Os próprios bispos refletem continuamente sobre isso. Então, por exemplo, no caminho de formação dos seminaristas, a preocupação, sobretudo dos formadores, é justamente a formação humana, né? A formação humana no sentido do autoconhecimento, mas um autoconhecimento realmente iluminado pela fé, iluminado pela religião. Então, nesse sentido, falta muito, muito recurso psicológico que seja capaz de levar as pessoas a um autoconhecimento à luz da fé, porque geralmente fica distinguido essas duas realidades. A dimensão psicológica e a dimensão espiritual. Agora, um autoconhecimento sem uma espiritualidade profunda, ele pode desembocar depois numa deformação. Então eu percebo sim que é um processo que está acontecendo. As pessoas estão cada vez mais tendo, sentindo necessidade de se conhecerem, de viver esse processo de autoconhecimento. Elas têm buscado na igreja, terapias e padres justamente nesse sentido. Por quê? Porque ninguém quer ficar na superfície, né? Mas isso é um caminho ainda que precisa ser incentivado, porque você tem que ter coragem também para olhar para dentro de si e nem sempre a pessoa tem essa disposição”. (p.7)

“De fato, eu acho que essa é uma carência na formação, na nossa formação e catequese cristã. A gente não tem esse tipo de formação na vida, né”. (p.7)

5.2.2 Exame de consciência e escrita

O exame de consciência e a escrita pessoal aparecem como práticas privilegiadas de elaboração emocional e espiritual utilizada pelos padres entrevistados. Os participantes relataram que tais práticas são importantes porque favorecem o reconhecimento de conflitos internos e possibilitam a ressignificação de experiências dolorosas. A escrita, ou escrita terapêutica, apareceu como uma das maneiras de desenvolver o exame de consciência, pois, quando uma pessoa escreve, começa a dar nome ao que sente.

“Nós somos requisitados em diversas situações com diversos assuntos e muitas vezes quando é para olhar para nós, nós podemos acabar confundindo. Mas hoje, a primeira coisa que eu faço é um bom exame de consciência, coloco o pé na realidade que eu me encontro”. (p.4)

“Eu tenho diário espiritual, escrevo já desde o início da minha caminhada com Deus, né? Então, são 25 anos para o diário espiritual”. (p.8)

“Então, sempre foi o meu recurso terapêutico e mesmo no período que eu não tinha consciência dos elementos que estavam por detrás da escrita terapêutica, de falar das emoções, dos sentimentos, das experiências dolorosas ou das experiências boas, sempre foi um recurso terapêutico e sempre aconselho as pessoas, principalmente em situações de luto”. (p.8)

5.3 Experiência de sofrimento

A categoria “experiência de sofrimento” contempla relatos que associam o vazio existencial a vivências de dor psíquica, perdas, frustrações e crises de sentido. Os participantes apontaram como veem e como orientam pastoralmente as pessoas que os procuram em estado de dor e sofrimento. Ressaltou-se, em todas as entrevistas, que o sofrimento, quando não elaborado, pode intensificar a sensação de vazio e que, para os participantes, a experiência de fé pode ser um dos recursos mais importantes para esse processo de elaboração.

“Eu olho muito para o pensamento do Viktor Frankl, né, o pensamento da logoterapia de motivar as pessoas a entender o sofrimento não como uma desgraça e ficar preso nele, mas que o sofrimento pode se tornar um trampolim para a pessoa dar um salto para a graça, se libertar disso, né? Então, eu tenho feito muito isso, fazendo a pessoa a partir do momento que ela coloca o sofrimento, refletir sobre o sofrimento, e entender por que isso aconteceu? Aconteceu por isso, mas você precisa permanecer nisso? Não. Então isso aqui te impossibilita de dar passos concretos para a liberdade? Não. Então faça desse sofrimento um trampolim para sua felicidade, né?”. (p.5)

“Então, você ganha um sentido totalmente novo, porque você percebe que o sofrimento do tempo, aqui nesse presente, desta terra, ele faz, muitas vezes você acumular sabedoria, experiência e ter uma visão e aprender coisas que são eternas, né?”. (p.5)

“Para mim, experiência de fé, ela é o ponto central dentro do sofrimento. Ela nos leva, no caso, a nossa fé, a cristã, ela não nos leva só a dar um sentido pro sofrimento, mas ela nos leva para além do sofrimento, né? O sofrimento tem a primeira palavra sobre a nossa vida, que é normal, mas a fé nos leva a superar, né? Eu gosto muito de São Paulo, quando diz que os sofrimentos do tempo presente são leves diante daquilo que nos espera. Então, se a fé já é possuir algo que não se vê, para mim é central a experiência fé”. (p.6)

5.4 Fé e espiritualidade

A fé e a espiritualidade emergiram como dimensões centrais no enfrentamento do vazio existencial. Os participantes compreendem a espiritualidade como dimensão constitutiva do ser humano, relacionada à transcendência, à busca de sentido e à relação com a religião.

“Quando eu paro sinceramente diante de Deus, na adoração ao santíssimo ou em outra oração que me leva a ser eu mesmo diante de Deus, eu percebo que isso faz uma diferença muito grande e percebo isso na vida das pessoas”. (p.1)

“A experiência de fé, a espiritualidade, a fé, o cristianismo é sinal de esperança. A experiência de fé através dos sacramentos, através dos momentos de oração, ajuda a pessoa a ter esperança. A experiência de Jesus que ressuscita é a esperança para o cristão. Então eu vejo assim, por exemplo, ontem uma senhora na missa que perdeu o irmão na terça-feira, ela chegou na missa muito abatida e depois ao final da missa ela estava sorrindo. Quer dizer, uma experiência concreta de alguém que estava nesse estado de sofrimento, não sabendo lidar com o luto, depois da experiência sacramental e de oração da missa, ela sentiu essa consolação de Deus, tem uma força maior que me sustenta, me fortalece”. (p.8)

“Mas depois alguns momentos que eu vivi, que eu passei por algumas experiências assim mais sofridas, um certo vazio e com certeza a espiritualidade foi onde consegui encontrar o gancho para poder preencher aquele buraco, né, aquele vazio existencial”. (p.4)

“Então nós cristãos, inclusive nós padres, temos inúmeros exemplos e a gente aposta a nossa vida justamente nesta verdade. Uma fé viva, uma espiritualidade viva é transformadora, é capaz de renovar profundamente a vida da pessoa, né? Como a gente diz, uma fé verdadeira nos transforma em homens e mulheres novas. No fundo, a experiência de fé é para isso”. (p. 7)

“É só a fé que ajuda a gente dar o sentido mais profundo pro sofrimento que a gente passa”. (p.10)

“Então, eu acredito que temos que olhar a pessoa em tudo, na sua forma integrada, mas sempre levando ela para ter a capacidade de estar com olhar para além dessa realidade, que é o fim último, a espiritualidade, né, o espiritual”. (p. 6)

“Padre se torna sacerdote justamente porque ele entende que a cura mais profunda de uma pessoa é uma cura espiritual”. (p. 7)

5.4.1 Noção de eternidade/ pós morte

A noção de eternidade e de vida pós-morte apareceu como elemento que amplia o horizonte de reflexão frente às experiências de sofrimento. Os participantes relataram que essa perspectiva contribui para a ressignificação da existência e do sofrimento humano, pois quando a pessoa consegue olhar para a eternidade, o sofrimento ganha outra dimensão.

“Se me permite, uma vez eu atendi uma pessoa que não era religiosa e não tinha fé, né? Ela se identificava com uma pessoa atea, uma mulher. Ela me disse que tem inveja de nós, uma inveja boa de quem tem fé, porque diante do caixão da mãe dela, ela sofreu muito, porque para ela ali terminava tudo, né? E para quem tem fé, até a morte, não só o sofrimento, já não tem mais a última palavra”. (p.6)

“Então, quer dizer, dentro da noção de eternidade, essa experiência continua acontecendo, né? A qualquer momento eu posso lembrar dela e me reabastecer”. (p. 9)

5.5 Experiência religiosa

A categoria “experiência religiosa” refere-se às vivências concretas de fé, tais como a oração, os sacramentos e a participação comunitária dentro do contexto cristão católico. Os relatos indicam que essas experiências funcionam como mediadoras do sentido existencial, favorecendo o enfrentamento do vazio e do sofrimento. Também se ressaltou a visão católica de que a vivência de uma espiritualidade não é algo independente de religião.

“A religião é sempre essa busca de aproximar a pessoa do divino. Aproximar e fazer essa ponte, né? Ligar, como a gente diz, religar o homem a Deus, que é a fonte da sua existência, que é o criador. Então, toda a prática religiosa visa a transformação do ser humano. A espiritualidade nada mais é do que o combustível da religião. A religião é como, vamos dizer, a religião é o carro. A espiritualidade é o combustível. Uma religião que não tem espiritualidade também pode cair em religiosidade, mas também a espiritualidade ela está inserida dentro de uma religião. As suas práticas, os seus preceitos. É muito complicado a pessoa simplesmente dizer: "Ah, eu sou uma pessoa só espiritual e não tenho religião nenhuma". Não, também não é isso que a gente acredita, né? A espiritualidade é validada por uma religião verdadeira, uma religião libertadora. Então não tem como desassociar religião e espiritualidade, né”. (p.7)

“Eu acho que as duas coisas caminham juntas. A religião, vamos dizer assim, objetiva, da liturgia, dos ritos, da doutrina, é o primeiro passo. Quem começa nisso vai para a parte subjetiva, né? Não tem como você ficar, porque ali são só as diretrizes principais, vamos dizer assim, as setas principais, que te apontam o caminho, mas depois você mesmo precisa trilhar o caminho”. (p.9)

“Se você não tem espiritualidade, você não consegue ver os mandamentos da religião, porque se torna tudo muito seco, muito frio, né? Regras e leis. Mas quando você entende que aquilo tem a ver com a sua vida, aí você, automaticamente, começa a

criar um jeito de viver aquilo que é só seu, que acaba sendo a sua espiritualidade”.
(p.9)

“Eu costumo dizer que tinha um motor dentro de mim parado que faltava combustível, né? Então, a experiência religiosa, ela foi esse combustível dentro de mim”. (p.8)

6 DISCUSSÃO

O presente estudo buscou compreender como os sacerdotes católicos vivenciam a experiência de Vazio Existencial, como direcionam as pessoas que os procuram e os recursos que mobilizam para enfrentá-la, sendo um deles a Espiritualidade, tal qual concebida por Agostinho. Os resultados serão apresentados buscando estabelecer um diálogo com a literatura científica a fim de analisar, corrigir e acrescentar elementos à reflexão proposta por este estudo.

6.1 O Vazio Existencial

Nos relatos dos participantes, o VE apareceu como uma vivência pessoal que em algum momento foi experienciada com intensidade marcante. Ele foi relacionado com a falta de sentido, com a dor e sofrimento e com o suicídio:

“Eu quero ter um motivo para viver”. (p.10).

Os achados parecem situar-se no entrelaçamento das duas perspectivas apresentadas neste estudo, a de Frankl e de Agostinho. O vazio emerge como experiência dolorosa, mas também como possibilidade de aprofundamento interior e redirecionamento existencial a partir da Espiritualidade:

“Então, de alguma forma, a espiritualidade religiosa da qual eu participo que é a Igreja Católica - hoje sou sacerdote - me ajudou a encontrar o sentido da vida”. (p.6)

Nas diferentes fases da vida humana, é comum que surjam sentimentos de desesperança causados por inúmeros fatores. O VE, no entanto, não se caracteriza apenas por este sentimento, mas por uma frustração na vontade de sentido, apresentando sintomas como a drogadição, a agressão e o suicídio (AQUINO, 2011). Sendo assim, o vazio relatado pelos participantes pode ser interpretado não como falha, mas como expressão da tensão interior em direção a um sentido maior:

“(esta foi) uma das poucas vezes que eu pensei em suicídio, por ver que a vida é totalmente sem sentido, vazia, esforço, trabalho, a gente vive, trabalha, morre, e qual que é o sentido de tudo isso”. (p.9)

Os achados deste estudo sugerem, portanto, a relação existente entre o VE e estados de sofrimento da psique, nos quais se pode cogitar a possibilidade do suicídio como recurso de alívio imediato.

Aquino (2011) propõe que é necessário não apenas lidar com a VE como também preveni-lo: “Frankl não propõe apenas um método terapêutico para combater o vazio

existencial e pôr em movimento a busca por significados, mas constitui também uma estratégia preventiva contra a frustração existencial” (p.)

Uma das possibilidades de prevenção do sofrimento psíquico, especialmente relacionado ao Vazio Existencial, consiste na utilização dos chamados “grupos de derreflexão”, conceito próprio da Logoterapia e aprofundado por Elisabeth Lukas (1992). Essa proposta refere-se a um trabalho em grupo direcionado a pacientes que já passaram pelo processo de psicoterapia individual, com o objetivo de deslocar do foco excessivo sobre sintomas, angústias e dificuldades pessoais para valorizar aspectos positivos da existência, experiências de sentido e recursos internos.

A derreflexão é uma ferramenta que contribui para reduzir a hiper reflexão e o autocentramento, frequentemente associados à intensificação do sofrimento e à vivência do VE, promovendo a abertura da pessoa à Autotranscendência, às relações e aos valores existenciais. Conforme proposta por Frankl, ela consiste no redirecionamento da atenção do sujeito para além de si mesmo, favorecendo a abertura ao sentido e à Autotranscendência, uma vez que “quanto mais a pessoa se esquece de si mesma - entregando-se a uma causa a servir ou a uma pessoa a amar - mais humana ela se torna” (FRANKL, 1985, p.22).

Dessa forma, tais grupos podem atuar como estratégia preventiva, ao fortalecer a responsabilidade pessoal, ampliar a consciência de sentido e favorecer a elaboração do sofrimento, contribuindo para a promoção da saúde mental e espiritual.

Santos (2022) apresenta que são identificados poucos estudos que investigam de modo sistemático a aplicação da Logoterapia na prevenção do suicídio na contemporaneidade. De modo geral, as produções existentes concentram-se na discussão teórica sobre a relação entre VE, sofrimento psíquico e perda de sentido da vida, bem como em reflexões sobre a potencial contribuição da abordagem logoterapêutica para o enfrentamento dessas condições.

Chama a atenção o fato de que tal temática esteja presente na experiência concreta de um sujeito que dispõe do recurso religioso-espiritual, o que evidencia que o fenômeno do Vazio Existencial não se restringe à ausência de espiritualidade, mas se configura como uma realidade de caráter multidimensional. Nesse sentido, compreende-se que, embora a Espiritualidade constitua um recurso significativo, ela não esgota, por si só, a complexidade do problema.

6.2 Experiência de sofrimento

No decorrer da pesquisa, o tema do sofrimento apareceu de maneira adjacente ao tema principal, no entanto, nos resultados, contribuiu significativamente para o objetivo desta pesquisa, tornando-se, portanto, uma categoria de análise específica.

Os resultados apontaram para a necessidade de o ser humano estar “preparado” para extrair do “sofrimento inevitável” da vida (Frankl, 2021), algo de valor e de transformação pessoal. Evidenciou-se também a relevância do papel da Espiritualidade para o processo de elaboração do sofrimento:

“Para mim, experiência de fé, ela é o ponto central dentro do sofrimento. Ela nos leva, no caso, a nossa fé, a cristã, ela não nos leva só a dar um sentido pro sofrimento, mas ela nos leva para além do sofrimento, né? O sofrimento tem a primeira palavra sobre a nossa vida, que é normal, mas a fé nos leva a superar”. (p.6)

A fé e a Espiritualidade têm sido reconhecidas na literatura científica como importantes recursos para a elaboração do sofrimento humano, especialmente no enfrentamento de crises existenciais, perdas e experiências de vulnerabilidade. Estudos vêm indicando que a dimensão espiritual favorece processos de ressignificação, esperança e fortalecimento psicológico, contribuindo para a construção de sentido diante da dor e da adversidade (CUNHA, 2019), ao oferecer ao indivíduo um horizonte interpretativo capaz de integrar a experiência da dor a uma narrativa mais ampla de sentido.

Panzini e Bandeira (2007) ressaltam que, nesse contexto, a Espiritualidade pode atuar como fator de proteção à saúde mental, promovendo resiliência e ampliando a capacidade de enfrentamento, sobretudo quando integrada à experiência pessoal e comunitária de fé.

Os resultados apontaram que a abordagem da Logoterapia traz elementos importantes para ajudar a pessoa em estado de sofrimento a lidar e buscar significado e superação para a dor:

“Eu olho muito para o pensamento do Viktor Frankl, né, o pensamento da logoterapia de motivar as pessoas a entender o sofrimento não como uma desgraça e ficar preso nele, mas que o sofrimento pode se tornar um trampolim para a pessoa dar um salto para a graça, se libertar disso”. (p.5)

Uma vez que a visão da Logoterapia sobre o ser humano entende que a busca de sentido constitui sua motivação fundamental, torna-se possível encontrar significado mesmo nas situações mais adversas, sendo necessário que o sujeito se abra à dimensão noética e à Autotranscendência. Nesse contexto, a Espiritualidade atua como mediadora simbólica e existencial, permitindo reinterpretar o sofrimento não apenas como algo a ser evitado, mas como uma experiência potencialmente transformadora.

Além disso, ao promover sentimentos de conexão - seja com Deus, com o outro ou com valores últimos - ela fortalece recursos internos como esperança, resiliência e confiança, contribuindo para o enfrentamento psíquico da adversidade. Assim, esta prática configura-se

como um recurso fundamental na elaboração do sofrimento, possibilitando ao sujeito não apenas suportar a dor, mas transformá-la em caminho de crescimento e construção de sentido.

Em paralelo a isso, a Teologia presente no pensamento de Agostinho entende que há um outro movimento que não parte do homem que busca e pratica a Espiritualidade, mas de Deus em que acredita. A esse movimento, Agostinho chama “graça”. Embora seja um tema caro a Agostinho, essa pesquisa não entrará nesse âmbito, uma vez que se direciona para os efeitos psicológicos da Espiritualidade.

A abertura ao transcendente e a busca de sentido constituem, na perspectiva da Logoterapia, elementos centrais na superação do sofrimento, possibilitando ao sujeito assumir uma atitude responsável frente às circunstâncias inevitáveis da existência. Cunha (2019) aponta que práticas religiosas - como a oração, a participação comunitária e a reflexão espiritual - favorecem a elaboração psíquica das experiências difíceis, oferecendo suporte emocional, reorganização de valores e fortalecimento da identidade pessoal e de sentido da vida.

Dessa forma, de acordo com Amatuzzi (2006), conclui-se que a experiência de fé não se restringe a um sistema de crenças, mas se configura como dimensão existencial mais profunda que possibilita integrar sofrimento, esperança e sentido, contribuindo para promoção da saúde integral.

Sobre as experiências de sofrimento, Viktor Frankl (2021) se utiliza de sua própria experiência de vida como prisioneiro nos campos de concentração para exemplificar sua teoria, utilizando a expressão “tríade trágica” para se referir àquelas situações alheias à vontade e capacidade de escolha do ser humano que provocam algum tipo de dor e sofrimento. Estas situações são compostas pelo sofrimento, pela culpa e pela morte, dimensões consideradas inevitáveis e constitutivas da condição humana. Esses elementos, embora tradicionalmente associados à negatividade e ao desespero, são compreendidos pelo autor como possibilidades de crescimento e realização de sentido na medida em que convocam o sujeito a assumir uma postura de responsabilidade diante da própria vida.

Nesse sentido, a Logoterapia enfatiza que o sofrimento pode ser transformado em realização humana, a culpa em oportunidade de mudança, e a consciência da morte em estímulo para viver com maior autenticidade e compromisso existencial. Assim, a tríade trágica não representa apenas um conjunto de experiências negativas, mas um chamado à liberdade interior e à construção de sentido, mesmo em contextos de adversidade, o que se mostra especialmente relevante na compreensão do Vazio Existencial e na promoção da saúde mental (AQUINO, 2012).

6.3 Autoconhecimento e interioridade (aspectos formativos, exame de consciência e escrita)

Os resultados evidenciaram que o autoconhecimento emerge como uma dimensão importante na experiência dos sacerdotes entrevistados, especialmente por meio dos processos formativos, do exame de consciência e da escrita reflexiva. Tais práticas foram descritas como espaços de confrontação interior, reelaboração de vivências e reorganização do sentido pessoal diante das experiências de vazio e sofrimento.

Estudos indicam que, para a elaboração do sofrimento e construção de sentido, os recursos da Espiritualidade, como as práticas reflexivas e as orações, favorecem processos de integração psíquica e existencial (CUNHA, 2019) e, portanto, são eficazes para tal objetivo:

“Vamos olhar aqui pra você [...] para o que sai do seu coração” (p. 2).

À luz da perspectiva de Viktor Frankl, o movimento de tomada de consciência pode ser compreendido como exercício da liberdade interior da qual o homem é dotado. Para o autor, mesmo diante de circunstâncias externas limitantes, o ser humano conserva a possibilidade de posicionar-se frente à própria experiência. Nesse sentido, o autoconhecimento configura-se como ato existencial de responsabilidade diante da própria vida, pois, consciente de si mesmo, o homem pode tomar a decisão que julga certa para a circunstância em que se encontra chamado a responder.

O tema da responsabilidade pessoal é muito caro para Viktor Frankl e aparece também na experiência de Santo Agostinho, sinalizando um fator fundamental de amadurecimento diante da própria vida. Em ambos os autores, a liberdade humana não é compreendida apenas como autonomia ou possibilidade ilimitada de escolha, mas como a capacidade de responder conscientemente à realidade e às circunstâncias da existência. Frankl enfatiza que, mesmo diante de condições inevitáveis de sofrimento, o ser humano permanece livre para assumir uma atitude diante daquilo que lhe acontece, transformando essa resposta em um caminho de realização de sentido. De modo semelhante, na trajetória narrada nas *Confissões*, Agostinho reconhece progressivamente sua participação nas próprias escolhas e desordens interiores, assumindo a responsabilidade por sua história como passo decisivo para sua conversão e para o encontro com a verdade. Exemplo desse princípio se encontra em *Confissões* 2 e 4, onde o autor narra sua total responsabilidade por um roubo que cometeu com um grupo de amigos, onde deixa claro que não culpa fatores externos, mas a sua vontade desordenada: “Afeiçoei-me

à minha própria ruína [...] amei o meu erro - não aquilo pelo qual errava, mas o próprio erro” (AGOSTINHO, 2017, p.).

Assim, tanto na perspectiva existencial de Frankl quanto na experiência espiritual de Agostinho, a responsabilidade pessoal é um elemento central no processo de autoconhecimento e de transformação interior.

O enfrentamento do VE está associado também à capacidade de assumir uma postura diante do sofrimento e de reconhecer possibilidades de sentido mesmo em contextos adversos (FRANKL, 1997). Os relatos analisados indicam que, ao revisitar suas motivações e suas fragilidades pessoais, os sacerdotes exercem precisamente essa liberdade interior e a responsabilidade pessoal descritas por Frankl, transformando a experiência de Vazio em ocasião de discernimento:

“A primeira coisa que eu faço é um bom exame de consciência” (p. 4).

Assim, quando os participantes relatam práticas como o exame de consciência ou a escrita espiritual, observa-se um movimento que se inicia como uma análise psicológica e assume caráter teológico-existencial: torna-se um buscar no interior a ordenação do próprio desejo e da própria vocação:

“Então, sempre foi o meu recurso terapêutico e mesmo no período que eu não tinha consciência dos elementos que estavam por detrás da escrita terapêutica, de falar das emoções, dos sentimentos, das experiências dolorosas ou das experiências boas, sempre foi um recurso terapêutico e sempre aconselho as pessoas, principalmente em situações de luto”. (p.8)

Os achados sugerem que, no contexto sacerdotal, a interioridade desempenha dupla função. Primeiramente, atua como mecanismo de elaboração psíquica do sofrimento, favorecendo a integração das experiências difíceis. Em segundo lugar, configura-se como prática espiritual estruturante na qual o sujeito reorienta sua identidade à luz de sua relação com Deus.

Ribeiro Lin (2022) sugere que a tradição agostiniana influenciou concepções contemporâneas de interioridade, favorecendo a compreensão da experiência religiosa como processo de transformação pessoal e autoconhecimento. Sob a perspectiva de Agostinho de Hipona, o retorno a si mesmo - ou Interioridade - não constitui um movimento de fechamento, mas um caminho de acesso à verdade no qual o interior humano se torna o espaço privilegiado de encontro com Deus, uma vez que, como afirma, “estavas dentro de mim, e eu fora” (AGOSTINHO, 2017, 10, 27).

Dessa forma, o autoconhecimento não aparece apenas como etapa formativa ou técnica de amadurecimento pessoal, mas como dimensão constitutiva da experiência sacerdotal. O vazio, nesse contexto, parece convocar o sujeito ao aprofundamento interior, funcionando como catalisador de maior consciência de si e da própria missão, o que está em consonância com o presente estudo.

Dessa forma, torna-se possível reforçar os pontos de convergência entre a concepção frankliana de responsabilidade existencial e a noção agostiniana de Interioridade como lugar do encontro com a verdade pessoal e com Deus. Na medida em que ambas apontam para um movimento de superação da dispersão e de integração do sujeito, a liberdade é compreendida como possibilidade de resposta a um chamado que nasce no interior e se orienta para além de si, seja na realização de sentido, como propõe Viktor Frankl, seja na adesão à Verdade que habita o interior humano, conforme desenvolvido por Agostinho.

6.4 Fé e espiritualidade (noções de eternidade/pós morte)

Os resultados desta pesquisa evidenciam que a fé e a espiritualidade desempenham um papel central na forma como os participantes compreendem e enfrentam o VE e configuram-se como dimensões prévias ao próprio surgimento do problema, na medida em que todos relataram que sua experiência religiosa antecede, de modo significativo, a descoberta vocacional.

“A minha prática religiosa, ela foi desde criança com os meus pais, né? Desde pequeno sempre fui educado na fé católica, mas depois com 20 anos que eu fiz uma experiência mais profunda num retiro de jovens. E aí comecei a me identificar mais com essa realidade e percebi que eu tinha a vocação sacerdotal, mas a minha prática religiosa é desde berço mesmo”. (p.6)

Em Viktor Frankl (2011), a dimensão espiritual - denominada dimensão noológica - constitui um dos elementos fundamentais da estrutura humana. Segundo a Logoterapia, o ser humano é essencialmente orientado para a busca de sentido e possui a capacidade de autotranscendência, podendo ir além de si mesmo em direção a valores, causas ou pessoas significativas.

Estudos contemporâneos que revisitam a obra de Frankl destacam que, ao oferecer recursos simbólicos e existenciais, a Espiritualidade/Religiosidade torna-se um eixo para a resiliência e para a elaboração de experiências que permitem reinterpretar as adversidades da vida (BORBA, 2024).

No sentido religioso, os relatos dos participantes apontam que práticas espirituais, como oração, adoração e participação sacramental, são percebidas como momentos privilegiados de encontro consigo mesmo e com Deus, capazes de gerar consolação, esperança e fortalecimento interior. A experiência religiosa é descrita, portanto, como transformadora.

“Uma fé viva, uma espiritualidade viva é transformadora, é capaz de renovar profundamente a vida da pessoa, né? Como a gente diz, uma fé verdadeira nos transforma em homens e mulheres novas. No fundo, a experiência de fé é para isso”.
(p.7)

Além disso, observa-se, nos depoimentos, a compreensão de que a fé possibilita atribuir um sentido mais profundo ao sofrimento humano. A fé, enquanto ato de crer em algo ou alguém maior, apareceu como um elemento fundamental para a superação do luto, ao passo que pessoas que não creem ou não tem algum referencial de fé religiosa tiveram mais dificuldade de passar pela perda e elaborar o luto.

A espiritualidade não se apresentou apenas como fonte de conforto emocional, mas como horizonte existencial capaz de reorganizar a experiência humana, especialmente diante do sofrimento. Ao possibilitar que a pessoa situe sua vida em uma perspectiva de sentido mais ampla, a fé pode favorecer processos de integração existencial, contribuindo para a elaboração de crises de significado e para a construção de uma narrativa de vida orientada por valores e transcendência.

Essa compreensão também encontra proximidade com a tradição antropológica e teológica de Agostinho, que concebe o ser humano como marcado por um desejo profundo de plenitude e orientado para a transcendência. Na perspectiva agostiniana, a inquietude humana expressa justamente essa busca fundamental por sentido.

A presença da noção de eternidade e de vida após a morte, como horizonte interpretativo para as experiências de sofrimento e perda, surgiram como elemento significativo nos resultados. A crença na continuidade da existência para além da morte amplia a compreensão da realidade humana, permitindo que eventos como o luto e a finitude sejam ressignificados à luz de uma perspectiva transcendente.

Nos depoimentos, a fé cristã aparece como elemento que relativiza o caráter definitivo da morte, oferecendo esperança diante da experiência da perda. A crença na vida eterna contribui para a elaboração do sofrimento e para a reorganização do sentido da vida diante da finitude ao afirmar que a morte não possui a palavra final sobre a existência humana.

Essa perspectiva também se articula com a reflexão de Viktor Frankl, segundo a qual a abertura à transcendência permite ao ser humano situar sua existência em um horizonte de

significado que ultrapassa as limitações da dimensão temporal. Nesse sentido, a dimensão espiritual possibilita à pessoa encontrar sentido mesmo diante das experiências inevitáveis da vida, como a perda e a morte.

Estudos recentes sobre VE e sofrimento psíquico na contemporaneidade (VIEIRA, 2021) apontam que a ausência de referenciais de sentido pode intensificar os sofrimentos advindos dessa condição. Nesse contexto, a espiritualidade e a busca de sentido se tornam caminhos relevantes capazes de sustentar a pessoa diante das crises da vida.

“O homem moderno entende “espírito” somente como razão e ciência. Esta não satisfaz os desejos profundos do coração, nem responde às questões decisivas da vida, relativas ao sentido último [...] não tem condições de atacar de frente as grandes questões da vida”. (BOOF, 2024, p.18)

Assim, os resultados desta pesquisa sugerem que a noção de eternidade desempenha papel significativo na forma como os participantes compreendem o sofrimento humano ao ampliar o horizonte da existência para além da realidade imediata.

Essa interpretação dialoga diretamente com a proposta frankliana de que, mesmo diante de situações inevitáveis de dor, o ser humano mantém a liberdade interior de encontrar significado na maneira como responde às circunstâncias da vida.

6.5 Experiência religiosa

A categoria “experiência religiosa” refere-se às vivências concretas de fé, como a oração, a participação nos sacramentos e a inserção na comunidade religiosa. Nos relatos dos participantes, tais práticas são compreendidas como mediadoras do sentido e contribuem para o enfrentamento do vazio e do sofrimento. Diferentemente de uma compreensão abstrata da espiritualidade, os entrevistados enfatizam que a experiência espiritual se vivencia por meio de práticas religiosas específicas, particularmente no contexto da tradição cristã católica, tornando-se, portanto, concreta e acessível.

Essa compreensão encontra respaldo em estudos da Psicologia da religião que apontam que a religiosidade institucional e as práticas religiosas podem desempenhar um papel relevante na construção de significado e no enfrentamento de crises existenciais. Essas pesquisas indicam que a participação em rituais, práticas devocionais e comunidades religiosas está associada a maior bem-estar psicológico, maior resiliência e melhores estratégias de enfrentamento diante de situações adversas (LUCCHETTI, 2014).

Os relatos sugerem que as práticas religiosas funcionam como caminhos concretos para a vivência da espiritualidade, onde a oração, os sacramentos e a participação comunitária se tornam experiências que possibilitam ao sujeito entrar em contato com o transcendente e, ao mesmo tempo, reinterpretar sua própria existência. Tal perspectiva se aproxima da compreensão de Oliveira (2012) que reforça um dos grandes benefícios da religiosidade do ponto de vista psicológico: que a religiosidade oferece estruturas simbólicas e práticas que auxiliam o indivíduo na elaboração de experiências de sofrimento e na construção de sentido para a vida.

Os participantes enfatizam que, na perspectiva católica, espiritualidade e religião não são realidades dissociadas. Ao contrário, a espiritualidade é compreendida como dimensão vivificada dentro da própria experiência religiosa. Essa visão contrasta com tendências contemporâneas que procuram separar espiritualidade de religião institucional. Estudos na área indicam que, embora seja possível distinguir conceitualmente religiosidade e espiritualidade, na prática vivida muitas pessoas experimentam essas dimensões de forma profundamente integrada (KOENING, 2012).

A metáfora apresentada por um dos participantes - que descreve a religião como “carro” e a espiritualidade como “combustível” - evidencia essa compreensão de complementaridade entre as duas dimensões:

“A religião é como, vamos dizer, a religião é o carro. A espiritualidade é o combustível. Uma religião que não tem espiritualidade também pode cair em religiosidade, mas também a espiritualidade ela está inserida dentro de uma religião”.
(p.7)

A religião oferece estrutura, doutrina e rituais, enquanto a espiritualidade corresponde à experiência subjetiva e existencial que anima essas práticas. Nesse sentido, quando a prática religiosa não é acompanhada por uma vivência espiritual significativa, ela pode ser percebida como mera observância de normas ou ritos formais, desprovidos de significado pessoal.

Essa interpretação também dialoga com a perspectiva de Viktor Frankl, para quem a Religiosidade pode representar um caminho privilegiado de Autotranscendência e busca de sentido. Segundo o autor, a experiência religiosa é um recurso da dimensão espiritual (noética) que o homem tem possibilidade de utilizar. Esse recurso pode permitir que o indivíduo se abra a uma dimensão de significado que ultrapassa a própria existência imediata (FRANKL, 2011).

No entanto, faz-se necessário aprofundar o pensamento de Viktor Frankl no que se refere à compreensão da Religiosidade como meio. Nessa perspectiva, ela também pode comportar ambivalências e riscos, o que talvez explique o fato de, nos resultados das entrevistas, ter sido

constantemente articulada à espiritualidade. Desse modo, a espiritualidade, enquanto dimensão subjetiva que convoca à responsabilidade pessoal, pode exercer uma função de discernimento, formação e amadurecimento da experiência religiosa; por sua vez, a religiosidade, em sua expressão concreta, oferece mediações que tornam tangível e encarnada a vivência espiritual.

Os relatos sugeriram que a experiência religiosa atua como elemento dinamizador da vida interior. Ao descrever a experiência religiosa como o “combustível” que faltava para colocar em movimento o “motor” da própria vida, um dos participantes expressa a percepção de que a vivência da fé pode reativar o sentido da existência e oferecer direção para a vida. Tal compreensão encontra respaldo em pesquisas contemporâneas que apontam que a religiosidade pode contribuir para o fortalecimento da identidade, para a construção de propósito existencial e para a elaboração de crises de sentido (DAMÁSIO, 2015).

Assim, os resultados desta pesquisa indicam que a experiência religiosa, compreendida como vivência concreta da fé dentro de uma tradição religiosa específica, constitui um importante recurso no enfrentamento do Vazio Existencial. Ao articular práticas, crenças e experiências subjetivas, a religiosidade oferece ao indivíduo um conjunto de referenciais simbólicos e existenciais que contribuem para a construção de significado diante do sofrimento humano.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender como sacerdotes católicos vivenciam a experiência do Vazio Existencial, de que maneira orientam as pessoas que os procuram e quais recursos mobilizam no enfrentamento dessa realidade, com especial atenção ao papel da Espiritualidade, tal como concebida por Agostinho. A análise das entrevistas, organizadas nas categorias vazio existencial, experiência de sofrimento, autoconhecimento e interioridade, fé e espiritualidade e experiência religiosa, permitiu identificar elementos significativos acerca da forma como o fenômeno é percebido e elaborado no contexto da prática pastoral.

Os resultados indicam que o Vazio Existencial é reconhecido pelos participantes como uma experiência real e presente na vida de muitas pessoas que os procuram e de si próprios, frequentemente associada à perda de sentido, à fragmentação interior e à dificuldade de lidar com o sofrimento e com os limites da existência. Essa percepção reforça a proposta de Viktor Frankl, que descreve o VE como uma das marcas da condição humana contemporânea, caracterizada pela sensação de ausência de propósito e pela dificuldade de perceber significado na própria vida.

Nesse contexto, o sofrimento se torna uma experiência com o rico potencial mobilizador da busca de sentido. Os relatos indicam que momentos de dor, perda e crise frequentemente se tornam ocasiões nas quais as questões existenciais ficam mais evidentes, levando as pessoas a buscarem orientação espiritual e pastoral. Em consonância com a perspectiva da Logoterapia, os participantes apontam que o sofrimento, embora inevitável em muitos momentos da vida, pode tornar-se ocasião de amadurecimento quando a pessoa encontra um horizonte de significado capaz de integrar essa experiência em sua história pessoal. Conforme Frankl, o sofrimento, quando inevitável, pode ser integrado à existência como possibilidade de realização de sentido, uma vez que “se há um sentido na vida, então deve haver um sentido no sofrimento” (FRANKL, 1985).

A experiência de autoconhecimento e interioridade foi evidenciada com aspectos importantes para o enfrentamento do Vazio Existencial. Práticas como o exame de consciência, a oração e a reflexão pessoal são compreendidas pelos sacerdotes como meios privilegiados para favorecer um processo de reconexão da pessoa consigo mesma. Essa dimensão dialoga diretamente com o pensamento de Agostinho, para quem o retorno à interioridade constitui um caminho fundamental na busca pela verdade e pelo sentido da existência. Na tradição

agostiniana, o encontro com Deus passa necessariamente pelo encontro do ser humano consigo mesmo, em sua própria interioridade. “Entreí no íntimo de minha alma, guiado por ti e vi, com o olhar da minha alma, acima desse mesmo olhar, acima da minha mente, a luz imutável” (Livro 7,10).

A fé e a espiritualidade foram apresentadas como parte fundamental da experiência humana, relacionada à abertura, à transcendência e à busca de sentido último. Nesse horizonte, a fé oferece uma perspectiva que amplia o horizonte interpretativo da vida, permitindo que experiências de sofrimento e de finitude sejam ressignificadas à luz de um sentido mais amplo.

Além disso, os resultados evidenciam que a experiência religiosa - vivenciada por meio da oração, dos sacramentos e da participação comunitária - constitui mediação concreta da experiência espiritual. Na compreensão dos participantes, espiritualidade e religião não se apresentam como realidades dissociadas, mas como dimensões profundamente integradas da experiência humana. A prática religiosa oferece estrutura simbólica, comunitária e ritual que possibilita a expressão e o aprofundamento da experiência espiritual, contribuindo para a construção de significado diante das dificuldades da vida.

Em síntese, a crise de sentido, ainda que intensificada pelas transformações sociais da contemporaneidade, não pode ser compreendida apenas a partir de fatores circunstanciais, pois remete a uma dimensão constitutiva da própria condição humana: a abertura ao sentido e à transcendência. À luz do pensamento de Viktor Frankl, tal abertura se expressa na dimensão noética ou espiritual, na qual o ser humano ultrapassa reducionismos biológicos e psíquicos, orientando-se para valores, significados e, em última instância, para o transcendente. Desse modo, a busca de sentido revela-se não como um fenômeno acessório, mas como uma exigência ontológica do existir humano; conseqüentemente, quando essa dimensão é obscurecida, acentua-se a experiência do Vazio Existencial, ao passo que seu reconhecimento e cultivo favorecem a integração da pessoa e a construção de uma existência autenticamente significativa.

Portanto, foi possível estabelecer uma convergência entre as perspectivas de Agostinho e Frankl no que se refere à compreensão da busca de sentido como dimensão constitutiva da existência humana por meio da espiritualidade. Embora situados em contextos históricos e epistemológicos distintos, ambos reconhecem que o ser humano é marcado por uma abertura fundamental para a transcendência e por um desejo profundo de plenitude. A espiritualidade aparece, assim, como um caminho possível de integração da experiência humana e como recurso relevante no enfrentamento do VE.

Dessa forma, os resultados deste estudo sugerem que a espiritualidade, especialmente quando vivenciada em articulação com práticas religiosas e com processos de interioridade, pode constituir um importante recurso para a elaboração das crises de sentido que atravessam a experiência humana.

Do ponto de vista da Psicologia, os achados deste estudo reforçam a importância de reconhecer a dimensão espiritual como parte integrante da experiência humana. A consideração das crenças, práticas e experiências espirituais dos pacientes pode ampliar a compreensão de suas vivências existenciais e contribuir para abordagens terapêuticas mais sensíveis à totalidade da pessoa. Em consonância com perspectivas contemporâneas da Psicologia da religião e da espiritualidade, torna-se cada vez mais evidente que a abertura para essa dimensão pode favorecer processos de elaboração do sofrimento, fortalecimento da esperança e construção de sentido.

Ao mesmo tempo, os resultados também apontam para a relevância da escuta pastoral no acompanhamento das inquietações existenciais que emergem na vida das pessoas. A prática pastoral, especialmente no contexto do ministério sacerdotal, pode constituir um espaço privilegiado de acolhimento e orientação diante das crises de sentido, oferecendo caminhos que integrem a dimensão espiritual, comunitária e existencial da vida humana.

Nesse horizonte, a articulação entre psicologia e pastoral revela-se particularmente promissora. Enquanto a psicologia contribui com instrumentos teóricos e clínicos para a compreensão do sofrimento humano, a tradição espiritual e religiosa pode oferecer recursos simbólicos e existenciais capazes de sustentar a busca de sentido diante das experiências limites da existência.

Como produto técnico desta dissertação, propõe-se a elaboração de uma cartilha orientativa voltada ao manejo do Vazio Existencial ~~por meio da Espiritualidade/Religiosidade~~, concebida como instrumento interdisciplinar de apoio tanto para psicólogos quanto para sacerdotes e líderes religiosos que atuam com o sofrimento da perda de sentido. A cartilha buscará articular, de modo acessível e aplicável, fundamentos da Logoterapia - especialmente no que tange à busca de sentido e à autotranscendência - com contribuições da psicologia de base humanista ~~e elementos da espiritualidade cristã~~, oferecendo diretrizes práticas para a condução de escuta qualificada, diálogo e aconselhamento pastoral. Pretende-se, assim, favorecer intervenções que respeitem a integralidade da pessoa humana, contemplando suas dimensões psíquica, existencial e espiritual, e possibilitando caminhos concretos de ressignificação do sofrimento e de reencontro com o sentido da vida. Dessa forma, o material almeja não apenas

subsidiar práticas profissionais e pastorais como também promover uma atuação mais integrada e sensível às demandas contemporâneas relacionadas ao Vazio Existencial.

Por fim, reconhece-se que esta pesquisa apresenta limitações, especialmente em relação ao número de participantes e ao recorte específico da amostra, composta por sacerdotes católicos. Estudos futuros poderiam ampliar essa investigação, explorando outras tradições religiosas, diferentes contextos culturais ou ainda a perspectiva de pessoas que buscam acompanhamento espiritual em momentos de crise existencial. Vale a pena destacar também que essa ampliação da perspectiva religiosa implica a integração de práticas que não se restringem ao âmbito cristão, mas que acolhem igualmente outras tradições religiosas, fundamentadas em diferentes referenciais.

Apesar dessas limitações, acredita-se que este estudo contribui para evidenciar a relevância da espiritualidade como possível recurso para o enfrentamento do vazio existencial. Ao articular a reflexão filosófica e teológica de Agostinho, a abordagem existencial proposta por Frankl e a experiência concreta relatada pelos participantes, esta pesquisa busca oferecer uma contribuição para a compreensão do ser humano em sua busca permanente por sentido, indicando que a espiritualidade pode constituir um caminho fecundo para a integração da experiência humana diante das inquietações mais profundas da existência.

8 REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus Editora, 2017.
- AMATUZZI, M. M. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus Editora, 2006.
- AQUINO, T. A. A. **Logoterapia e análise existencial: Fundamentos e aplicações clínicas**. São Paulo: Paulus Editora, 2012.
- _____. Viktor Frankl: Para além de suas memórias. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v.26, n.2, p. 232–240, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18065/2020v26n2.10>. Acesso em:
- _____. O Homo Religiosus segundo Viktor Frankl: apontamentos para uma filosofia da religião. **Paralellus**, v.12, n. 30, p. 521-543, 2021.
- AQUINO, T. A. A.; SILVA, J. P.; FIGUEIRÊDO, A. T. B.; DOURADO, É. T. S.; & FARIAS, E. C. S. Avaliação de uma proposta de prevenção do vazio existencial com adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.31, n.1, p. 146–159, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000100013>. Acesso em:
- AQUINO, T. A. A.; GOUVEIA, V. et al. Questionário de Sentido da vida: Evidências de sua Validade Fatorial e Consistência Interna. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.35, n.1, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001332012>. Acesso em:
- BENITES, A. C. **A experiência da espiritualidade em cuidadores de familiares de pacientes com câncer avançado vivenciando a terminalidade e o luto**. Orientador: . Ano .Folhas .Tese de Doutorado. USP, Ribeirão Preto, ano.
- BOCKORNI, B. R. S.; & GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, v. 22, n.1, p. 105–117, 2021.
- BOFF, C. **Espiritualidade: Caminho de vida nova**. São Paulo: Paulus Editora, 2014.
- _____. **O livro do sentido: Crise e busca de sentido hoje**. São Paulo: Paulus Editora, 2014.
- _____. **Por uma Igreja em subida**. São Paulo: Ecclesiae Editora, 2024.
- BORBA, J. C.; & REICHOW, J. R. C. Espiritualidade, psicoterapia e saúde mental: Panorama dos estudos brasileiros. **Boletim – Academia Paulista de Psicologia**, v. 44, n.107, p.146–158, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20240019>. Acesso em:
- CAMPOS, C. J. G.; & TURATO, E. R. Content analysis in studies using the clinical-qualitative method: Application and perspectives. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 17, n.2, p. 259–264, 2009.
- CUNHA, V. F.; & SCORSOLINI-COMIN, F. A dimensão Religiosidade/Espiritualidade na prática clínica: **Revisão integrativa da Literatura Científica. Psicologia Clínica e Cultura**, v. 35, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35419>. Acesso em:
- DAMÁSIO, B. F.; & KOLLER, S. H. Meaning in life: Psychometric properties of a Brazilian version of the Meaning in Life Questionnaire. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.28, n.3, p.544–551, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rlp.2015.06.004>. Acesso em:

FAUSTINO, L.; DOS ANJOS, A. C. S.; SOMENSI, L. B.; & ADAME, E. R. Influence of spirituality/religiosity on health-related quality of life in patients with diabetes mellitus: Integrative literature review. **Research, Society and Development**, v.11, n.11, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33516>. Acesso em:

FORTI, S.; SERBENA, C. A.; & SACADUTO, A. A. Mensuração da espiritualidade/religiosidade em saúde no Brasil: Uma revisão sistemática. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.25, n. 4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020254.21672018>. Acesso em:

FRANKL, V. E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. São Paulo: Zahar, 1978.

_____. **Em busca de sentido**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida**. (7ª ed.). São Paulo: Quadrante, 1997.

_____. **A presença ignorada de Deus** (4ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

_____. **A falta de sentido: Um desafio para a psicoterapia e a filosofia**. São Paulo: Editora Auster, 2021.

_____. **A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus Editora, 2022.

GRACIOSO, J. **Interioridade e filosofia do espírito nas Confissões de Santo Agostinho**. Orientador: . Ano .Folhas Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-26102010-110652/>. Acesso em:

GONÇALVES, L.; BRAGANÇA de V. P., L.; & BRASIL, E. Homo incompletum: O vazio como estado existencial e a espiritualidade integral. **Tear Online**, v.14, n.1, p. 137-160, 2025.

GONÇALVES, D. I. de O.; MARINHO, A. V. B.; FARIA, A. F.; & NORBIM, E. F. Síndrome da dor total: Uma revisão de literatura. **Revista Foco**, v., n., p., 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.ed.esp-032>. Acesso em:

GONTIJO, D. F.; SILVA, D. M. R.; & DAMÁSIO, B. F. Religiosity/spirituality and mental health: Evidence of curvilinear relationships in a sample of religious people, spirituals, atheists, and agnostics. **Archive for the Psychology of Religion**, v.44, n.2, p.69–90, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00846724221102195>. Acesso em:

HAN, B.C. **A sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**, 2022.

JÚNIOR, E. A. P. **A interioridade em Santo Agostinho**. Orientador: . 2023 .Folhas .Trabalho de conclusão de curso, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2023.

KOBAYASHI, C. **Da história da dor para a dor na história: histórias de vida de pacientes com dor**. Orientador: 2003 Folhas. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

KOENIG, H. G. Religion, spirituality, and health: The research and clinical implications. **ISRN Psychiatry**. 2012.mDisponível em: <https://doi.org/10.5402/2012/278730> . Acesso em:

_____. Religião, espiritualidade e saúde: uma análise e atualização. **Medicina Mental Corpo Avançada**, v. 29, n.3, p.9-26, 2015. PMID: 26026153. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26026153/> . Acesso em:

KROEFF, P. Logoterapia: uma visão da psicoterapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v.17, n.1, p.68-74, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100010&lng=pt&tlng=p . Acesso em:

LUCCHETTI, G.; & LUCCHETTI, A. Espiritualidade e saúde: Evidências científicas e implicações clínicas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.41, n.5, p.117–122, 2014. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-5384-9476> . Acesso em:

LUKAS, E. **Prevenção psicológica: A prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde** (11ª ed.). São Paulo: Hucitec Editora, 2008.

_____. **Caminhos do pensamento: Epistemologia e método**. Fiocruz, 2012.

MONTEIRO, D. D.; REICHOW, Jeverson Rogério Costa, Sais, Elenice de Freitas, & Fernandes, ???

MOREIRA, V.; & HOLANDA, A. F. Logoterapia e o sentido do sofrimento: Convergências na dimensão espiritual e religiosa. **Psico-USF**, v.15, n.3, p.345–356, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300008> . Acesso em:

MOREIRA-ALMEIDA, A.; KOENIG, H. G.; & LUCCHETTI, G. Clinical implications of spirituality to mental health: Review of evidence and practical guidelines. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.36, n.2, p.176–182, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1255> Acesso em:

MOSQUEIRO, B. P.; COSTA, M. A.; CARIBÉ, A. C.; OLIVEIRA, F. H. A.; PIZUTTI, L.; ZIMPEL, R. R.; BALDAÇARA, L.; SILVA, A. G.; & MOREIRA-ALMEIDA, A. Diretrizes da Associação Brasileira de Psiquiatria sobre a integração da espiritualidade na prática clínica da saúde mental. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.45, n.6, p.506–517, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.47626/1516-4446-2023-3056> . Acesso em:

MOURA, E. S.; CAMPOS, A. A.; POLAKOWSKI, L. C.; MOREIRA, B. Z.; JAGHER, G. K.; & MACHADO, P. G. B. A influência da espiritualidade na saúde mental de jovens e adultos: Uma revisão sistemática. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v.12, n.1, p.52–64, 2023. Disponível em: <https://www.revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/410> . Acesso em:

NUNES, I. S.; & JESUS, L. M. A busca de sentido na expansão das redes sociais. **Revista Perspectiva: Ciência e Saúde**, v.9, n.1, p.1–10, 2024.

OLIVEIRA, K. F. P. de; MELO, A. F. F. de & FREITAS, M. H. de. Religiosidade/espiritualidade em contextos de saúde mental: Produção brasileira nos últimos dez anos. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, v.6, n.3, p. , 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.62506/phs.v6i33.238> . Acesso em:

OLIVEIRA, M. R.; & JUNGES, J. R. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos, ?? 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300016> . Acesso em:

PANZINI, R. G.; & BANDEIRA, D. R. Espiritualidade e saúde mental. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.34 (Supl.1), p.126–135, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700016> . Acesso em:

PANZINI, R. G.; ROCHA, N. S.; BANDEIRA, D. R.; & FLECK, M. P. A. Qualidade de vida e espiritualidade. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.34, (Supl.1), p.105–115, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700014> . Acesso em:

PEREIRA, I. S. **A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl**, ??? 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642007000100007> . Acesso em:

PINHEIRO, V. S. **Amor à sabedoria**. São Paulo: Editora Auster, 2024.

PINHEIRO, F. das C. L. Gestão Interpessoal e a Relação do Vazio Existencial com o Adoecimento Psicológico. **Revista Multidisciplinar Em Saúde**, v.2, n.4, p.88, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51161/rem/2845> . Acesso em:

RIBEIRO Lin, D. C. Agostinho de Hipona e a redescoberta do potencial terapêutico da teologia narrativa para a saúde mental. **Cuestiones Teológicas**, v.49, n.112, p.1–18, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18566/cueteo.v49n112.a08> . Acesso em:

RODRIGUES, WS.; PEREIRA, E.R.; SILVA, R.M.C.R.A. Da Razão ao Vazio: A Crise de Sentido na Sociedade Líquida e de Consumo. **Rev Pró-UniverSUS**, v.16, n.4, p.64-70,2025. DOI 10.21727/rpu.16i4.5831.

SAAD, M.; & MEDEIROS, R. Espiritualidade e cuidados de saúde: Bases comuns para os mundos secular e religioso e suas implicações clínicas. **Religions**, v.12, n.1, p.22, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/rel12010022> . Acesso em:

SALES, T. P. G. de; OLIVEIRA, M. S. B. de; & NUNES, R. de M. A psicologia e o vazio existencial: A falta de sentido na era da inteligência artificial. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v.8, n.19, e082475?, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.55892/jrg.v8i19.2475> . Acesso em:

SALTARELI, S.; RAMINELLI-DA-SILVA, T. C.; CASTANHO, A. C. F.; FALCONI-GOMEZ, R. R.; COLHADO, O. C. G.; & FALEIROS-SOUSA, F. A. E. A dor do existir e a religião na perspectiva dos católicos. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.23, n.4, p.685–692, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0188.2604> . Acesso em:

SANTOS, R. R. dos. **A interioridade e a busca da felicidade nas Confissões de Agostinho. Primeiros Escritos**, (8), editora ? 2017.

SANTOS, D. M. B. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.68, n.2, p.128-142, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200011&lng=pt&tlng=pt . Acesso em:

SANTOS, E. S. **O que te mantém vivo? A logoterapia na prevenção do suicídio**. Orientador: 2022 **Folhas**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.47.2022.tde-15082022-132807> . Acesso em:

SANTOS, K. D. A.; & SILVA, J. P. da. Sentido de vida e saúde mental em professores: Uma revisão integrativa. **Revista da SPAGESP**, v.23, n.1, p.131–145, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.32467/issn.2175-3628v23n1a11> . Acesso em:

SOUZA, F. de. Espiritualidade / religiosidade e saúde mental no brasil: uma revisão. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, v.40, n.98, p.129-139, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2020000100014&lng=pt&tlng=pt. Acesso em:

VAHL, M. J. Estado e religião em Santo Agostinho: Uma reflexão a partir da querela donatista. *Basiliade – Revista de Filosofia*, v.5, n.9, p.9–25, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.35357/2596-092X.v5n9p9-25/2023> . Acesso em:

VIEIRA, G. P.; GARCIA DIAS, A. C. **Sentido de vida: compreendendo este desafiador campo de estudo**, 2021. ?? Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200149> . Acesso em:

VIEIRA DE SOUZA, A.; & ANUNCIACÃO, L. Spirituality, religiosity and mental health during the COVID-19 pandemic. **Estudos de Psicologia**, v.40, e210206, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202340e210206> . Acesso em:

WORLD PSYCHIATRIC ASSOCIATION. WPA position statement on spirituality and religion in psychiatry. **World Psychiatry**, v.15, n.1, p.87–88, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/wps.20360> . Acesso em:

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Constitution of the World Health Organization, 1996. Disponível em: https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf . Acesso em:

9 APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada **A espiritualidade como potencial recurso de manejo do vazio existencial em Agostinho e Frankl** que se refere a um projeto de pesquisa de Marina Helena Vieira que pertence ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista – UNIP.

O(s) objetivo(s) deste estudo é promover um diálogo entre a ciência teológica de Agostinho e a ciência psicológica de Frankl no que diz respeito à questão da espiritualidade/religiosidade e seus potenciais benefícios para o bem estar do homem contemporâneo. Os resultados contribuirão para apontar a espiritualidade como potencial recurso terapêutico para as questões de vazio existencial.

Sua forma de participação consiste em responder à entrevista elaborada com perguntas a respeito do tema a ser estudado.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante seu anonimato e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada e não haverá gastos decorrentes de sua participação. Se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como mínimo e esse risco pode ser explicado como possíveis desconfortos, os quais podemos encaminhá-lo para um serviço público ou para atendimento em clínica escola de psicologia para minimizá-los.

São esperados os seguintes benefícios para você, decorrente da sua participação nesta pesquisa: propor uma reflexão sobre o tema e caracterizar possíveis recursos para o manejo do vazio

existencial. Caso tenha interesse você pode pedir o envio por e-mail do resultado da sua participação.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado. Caso queira retirar o seu consentimento entre em contato com o pesquisador responsável Marina Helena Vieira pelo e-mail vieira.marinahelena@gmail.com com cópia para o CEP-UNIP pelo e-mail cep@unip.br. Os seus dados serão retirados caso seja possível identificá-los no banco de dados.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador principal.

Marina Helena Vieira

Rua Silviano Brandão, 521 – Centro – Alfenas MG

Vieira.marinahelena@gmail.com Tel: 11 917581578

Eu _____ (nome do participante e número de documento de identidade) confirmo que Marina Helena Vieira explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local e data: Alfenas, 11 de março de 2025.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Eu, _____

(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)

(Identificação e assinatura do pesquisador responsável)

10 APÊNDICE 2

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME:

IDADE:

QUESTÕES DA ENTREVISTA:

1. Há quanto tempo você é padre?
2. Como teve início sua prática religiosa?
3. O vazio existencial é considerado um estado de percepção de falta de sentido na vida. Você já vivenciou, em algum momento da vida, a percepção do vazio existencial? Quais foram as consequências naquele momento?
4. Quando você percebe o vazio existencial, utiliza alguma prática espiritual de sua religião, como por exemplo, a reflexão sobre o arrependimento e o autoconhecimento, para lidar com essa situação? De que maneira?
5. Você já utilizou algum recurso que ajudou no seu processo de autoconhecimento, como a escrita ou alguma outra forma de expressão, terapia, etc.? Como foi a experiência?
6. Você identifica que a experiência de fé pode ajudar a pessoa em estado de sofrimento a lidar com a situação em que vive?
7. Como você avalia o processo de autoconhecimento nas pessoas que o procuram para algum tipo de aconselhamento? Você percebe que é um processo profundo ou superficial?